

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas  
IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

## **UMA IDEIA DE CARTOGRAFIA**

**SIMONE CRISTINA DE AMORIM**

Dissertação de Mestrado

Orientador: Luiz Benedicto Lacerda Orlandi

Campinas  
2010

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP  
Bibliotecária: Sandra Aparecida Pereira CRB nº 7432**

**Am68i Amorim, Simone Cristina de  
Uma ideia de cartografia / Simone Cristina de Amorim. - -  
Campinas, SP : [s. n.], 2010.**

**Orientador: Luiz Benedito Lacerda Orlandi  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Ideia (Filosofia). 2. Desejo. 3. Dramatização (Administração).  
4. Transversalidade. 5. Cartografia - Brasil. I. Orlandi, Luiz  
Benedito Lacerda. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

**Título em inglês: An idea of cartography**

**Palavras chaves em inglês (keywords):**

**Idea(Philosophy)  
Desire  
Drama(Administration)  
Transverse  
Mapping - Brazil**

**Área de Concentração: Filosofia**

**Titulação: Mestre em Filosofia**

**Banca examinadora: Hélio Rebello Cardoso Jr., Silvio Donizetti de Oliveira Gallo**

**Data da defesa: 10-12-2010**

**Programa de Pós-Graduação: Filosofia**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em 10 de dezembro de 2010, considerou o candidato SIMONE CRISTINA AMORIM aprovado.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Prof. Dr. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi

Prof. Dr. Hélio Rebelo Cardoso Junior

Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo

Three handwritten signatures in blue ink are positioned to the right of the names, each resting on a horizontal line. The top signature is for Luiz Benedicto Lacerda Orlandi, the middle one for Hélio Rebelo Cardoso Junior, and the bottom one for Silvio Donizetti de Oliveira Gallo.

*Aos grávidos de uma infância de mundo*

## AGRADEÇO À(S), AO(S):

Paulo Montanaro por ter me apresentado Deleuze, Guattari e Foucault há aproximadamente dez anos atrás, quando me acompanhou estudando Reich, Freud, escola de Frankfurt e grupos minoritários totalitários;

Hélio Rebello Cardoso Jr. pelo acompanhamento e incentivo disso que pesquisa em mim;

Carmem pela partilha do encantamento;

Juliane Campos de Sousa pelo verdejar;

Mari Gerzeli pelos desportos;

Mayume de Maiandeuá pela contação de histórias;

Rodrigo Florentino por ter me presenteado com os “n” sexos que haviam me roubado;

Roberto Duarte Santana Nascimento: amigo e anjo;

Rodrigo Bonilha por mundo de pós-graduação possível;

Maria Inês Moron Pannunzio pela coragem de como professora do colegial em escola pública, trabalhar temas como morte, relativismo cultural, fascismo, nazismo, sexualidade, auto-avaliação, artes, ética e moral;

Mércia pela gineco-psicodramatistologia;

Aline Amsberg pelos corpos e máquinas;

Rodrigo Rabelo pelos estudos nietzschianos clássicos;

Adriane Barin pelo visionarismo;

Rafael Adaime pelas alucinações;

Diego Baffi pelo palhaço na praça pública;

Mariel Zasso pela simpatia;

William Siqueira Peres pela insistência em denunciar o roubo dos “n” sexos;

Marília Muylaert pelos graus;

Soraya Georgina de Paiva Cruz pela denúncia do uso piedoso dos conceitos e práticas *psi*;

Ciça pela velocidade;

Sônia França pelo prazer do pensamento;

Ana Maria pela confiança na cooperação;

Carlos Ladeia e Wilka Coronado pelo esforço empreendido na busca de um currículo de Psicologia mais fluente;

Luiz Carlos Rocha pela denúncia do aprisionamento dos pobres;

Serginho pelo estímulo às zonas de desenvolvimento proximais;

Aline Sanches pela paciência na escrita;

Viviane por ter me mostrado a importância de estudar os contemporâneos;

Clarissa Baptistella pela amizade que rendeu meu primeiro porre de cerveja;

Lucienne Torino (estudiosa de estética), pelo Kant sem botox;

Rodrigo Zanotto pelas fotografias;

Heloísa pelo encantamento com a maternidade;

Júlia e Magda pela recepção e atenção aos procedimentos de trabalho;

Fabiana Amorim pela coragem de arriscar;

Paulo Oliveira por ter me ensinado que “só por hoje” pode durar muito;

Lígia pelo *soutien*;

Duda pela disponibilidade em aventura-se;

Naty por me mostrar que acontecer não basta, mas acontecer e consistenciar as linhas acontecimentais;

Henrique Albiero Pazzetti pela geografia;

Henrique Cunha, Andrei, Irene: pela descontração;

Claudia Câmara pela disposição para o trabalho;

Carolina Mantovani pela continência;

Larissa pela disponibilidade em intuir as capturas ofertadas pelos poderes estabelecidos;

Glaucia Giraldi pela partilha do ritmo;

Glaucia Figueiredo pela força;

Rogério Basagli pelo saci;

“The name” pelo investimento na co-independência produtiva;

Todo o coletivo “Conexões: Políticas da Subjetividade e Saúde Coletiva”, do DMPS/UNICAMP e convidados, por nas mais variadas composições, muito ter me forçado a pensar;

Rafael Vieira pela resistência;

Estrangeiros presentes no I Encontro/Oficina: Saúde e Cartografia;

Isabel Mussoline pela ânsia intempestiva em escapar aos bloqueios;

Clauzer Toledo pela ânsia sutil em escapar aos bloqueios;

Regiane Desanormal pela desanormalidade;

Rodrigo Scalari pelos esforços em encontrar zonas de imantação intensivas;

Juliana Aparecida Gonçalves Jonhson pela atenção aos perceptos arquitetados na Natureza;

Rafael Teixeira por buscar durações conceituais para além do antropocentrismo;

Suely Rolnik pela pioneiridade;

Peter Pal Pelbart pelos furos à burocracia;

João Tortello por um certo traço de pintura;

Verônica Dias pela coragem de colocar o enlouquecer num lugar mais digno;

Andréia Martinês J. pelos tibubeios;

Marcelly Camacho pela disciplina (e por ter me apelidado de metódica);

Renato Ferraccini pelo anfitriar;

Matteus Melo por algum silêncio;

Guilherme Lunhani pela sensorialidade, cálculos diferenciais integrais,  $f(x)$  e derivadas;

Guilherme Rebecchi pelo amparo;

Bernardo Teodorico Costa Souza por me colocar para confiar na intuição;

Ricardo Shiota e Ricarda Canozo pela leitura;

Neuza Simão pelos investimentos;

Sara Amorim pelo incentivo ao trabalho;

Paulinha Lucca pelo arroz integral com linhaça;

Bruno Mariani pelo Pocoyo;

Rafael Blumer pelo socorro computacional e estatístico;

Leopoldo Thiesen pelo artesanato existencial;

Mariane Bitencourt pela necessidade da arte;

Letícia ‘Ruiva’ e Marco por outra saúde mental;

Margareth Rago pela luta das mulheres;

Reinaldo Furlan pela parceria;

Tiago Elídeo pelo “sempre tem o porém de sempre”;

Carmem Soares por outra cultura do corpo;

Silvio Gallo por uma educação menor;

Márcio ‘Lislírica’ Ilde: poesia, sensibilidade, desfile de sonhos e cores;

Fapesp pelo incentivo financeiro;

Hélio Azara pela política temática;

Juliano Belinazzi Nequirito pelo acompanhamento computacional;

Carolina Hebling pela leitura;

Edson Adriano pelo trânsito de sensações entre moral e ética;

Coletivo pró-subsele do Conselho Regional de Psicologia em Sorocaba, pela vontade de fazer diferente;

Flamas (Fórum da Luta Antimanicomial de Sorocaba) por essa individuação coletiva que sabe em algum lugar, que loucura boa não é loucura presa;

Todos que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho pudesse ocorrer;

... Orlandi pela virtude que dá...

“... uma longa experimentação (...) o força primeiramente a buscar um ‘lugar’, operação já difícil, depois a encontrar ‘aliados’, depois a renunciar progressivamente à interpretação, a construir fluxo por fluxo e segmento por segmento as linhas de experimentação...”

*Deleuze e Guattari*

AMORIM, Simone Cristina de. Uma ideia de cartografia. 2010, Dissertação (Mestrado) – Departamento de Filosofia, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi

**Resumo:** As obras de Deleuze e Guattari trazem estratégias para o enfrentamento de maneiras endurecidas de sentir, pensar e conceber. Os universais vagos são abandonados em nome de uma filosofia prática. Com base nesta filosofia a presente dissertação visa disponibilizar uma ideia de cartografia que, em contraponto à colocação de questões da ideia sob a forma “Que é?”, remaneja as questões da ideia para dinâmismos espaço-temporais. Este remanejamento dispara uma maneira processual e intensiva de conceber os problemas, com um propósito suportivo para a efetivação das cartografias de casos aqui não dados. Trabalharemos com alguns agenciamentos teóricos que visam sustentar a efetivação de uma cartografia. Para isso elencamos a noção de processo esquizo compreendida a partir do inconsciente maquínico que traz, de um lado uma processualidade compreendida entre esquizofrenia e paranóia e em paralelo, entre metafísica do demoníaco e máquinas desejanter. Também trabalhamos de maneira sucinta com as noções de virtual e atual, individuação, devir, latitudes e longitudes, entretempos, linhas, estratos, meios, juízos, caos, agenciamentos, mapas, plano de consistência. Essas noções procuram tratar da movência de um caso que se transversalise por “n” campos de conhecimento, ao passo que, como disciplina distinta de uma cartografia, colocamos a intersecção entre Artes, Filosofias e Ciências, pois cada uma destas três disciplinas trata a seu modo e sem hierarquia, as questões vitais que uma cartografia trabalha.

**Palavras-chave:** ideia, desejo, dramatização, transversalidades, cartografia

**Abstract:** The works of Deleuze and Guattari bring strategies for facing hard ways of feeling, thinking and conceiving. Vague universals are abandoned for the sake of a practical philosophy. From the standpoint of this philosophy, this dissertation seeks to make available one idea of cartography that, opposed to the posing of questions about the idea in the form of “What is..?”, relocates the questions of the idea to spatio-temporal dynamics. This relocation triggers a procedural and intensive manner of conceiving the problems, with a supportive purpose to the effectuation of cases' cartographies, not given throughout this dissertation. We will work on some theoretical agencies that seek support the effectuation of a cartography. Thereunto, we cast the notion of schizo process understood from the standpoint of the machinic unconscious that brings, on one hand, a processivity situated between schizophrenia and paranoia, and, in parallel, between metaphysics do the demoniacal and desiring machines. In a summarized fashion, we also work with the notions of “virtual” and “actual”, “individuation”, “becoming”, “latitudes” and “longitudes”, “meantime”, “lines”, “strata”, “means”, “judgments”, “chaos”, “assemblages”, “maps”, “plan of consistency”. Such notions seek to address the move of a case that would transversalize “n” fields of knowledge, whilst, as a different discipline from cartography, we point the intersection between Arts, Philosophy and Sciences, once each of the three deals, following its way and with no hierarchy, the vital issues of a cartography.

**Keywords:** idea, desire, drama, transverse, mapping

## LISTA DE ABREVIATURAS

Utilizaremos as abreviaturas a seguir para os livros de autoria ou co-autoria de Gilles Deleuze. Tais abreviaturas estarão norteadas pelas datas das edições originais e não apenas pelas datas de edições efetivamente consultadas, para que possamos obter uma noção cronológica das obras. Seguiremos as referências com a paginação das edições consultadas, para maior facilidade de localização dos trechos utilizados de cada obra. Outros textos dos autores citados ao longo desta dissertação seguirão as normas costumeiras.

(ID, 1967) \_\_\_\_\_. O método de dramatização. In \_\_\_\_: *A Ilha deserta*: e outros textos. Org. LAPOUJADE, David. Trad. br. ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. São Paulo: Iluminuras, 2006.

(AOE, 1972) DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*. Trad. br. ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. São Paulo: Ed. 34, 2010.

(DRF, 1977) DELEUZE, G; PARNET, Claire; SCALA, André. L'interprétation des énoncés. In \_\_\_\_: *Deux Régimes de Fous*. Org. LAPOUJADE, David. Paris: Minuit. 2003

(MP, 1980) \_\_\_\_\_. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: Ed 34. Tra. Br. Vol.1 COSTA, Célia Pinto e GUERRA NETO, Aurélio. 1995. Vol. 2 LEÃO, Ana Cláudia e OLIVEIRA, Ana Lúcia de. 1995b. Vol. 3 GUERRA NETO, Aurélio; OLIVEIRA, Ana Lúcia de; ROLNIK, Suely. 1996. Vol. 4 ROLNIK, Suely. 1997. Vol 5 PELBART, Peter Pál e CAIAFA, Janice. 1997b.

(F, 1986) \_\_\_\_\_. *Foucault*. Trad.br. MARTINS, Claudia Sant'Anna. São Paulo: Brasiliense, 1988.

(TRE, 1989) GUATTARI, *As três ecologias*. Trad. Bittencourt, Maria Cristina F. Campinas: Papirus, 1990.

(QPh?, 1991) DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?*. Trad.br. PRADO JR. Bento e MUÑOZ, Alberto Alonso. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

(CC, 1993) \_\_\_\_\_. *Crítica e Clínica*. Trad. Br. PELBART, Peter Pál. São Paulo: Editora 34. (Coleção TRANS). 1997.

## ÍNDICE

Lista de abreviaturas.....	12
Introdução.....	14
Capítulo I: Premência da ideia de cartografia.....	15
1.1 - Proposição Geral do Capítulo 1: Premência da ideia de cartografia.....	15
1.2 - Levantamento da questão da ideia sob a forma essencialista “que é?”.....	16
1.3 - Levantamento de coordenadas inclusivas do acidental na questão da ideia.....	17
1.4 - Alguns ambientes conceituais disparadores do processo esquizo.....	18
Capítulo II: Uma ideia de Cartografia.....	25
2.1 - Uma ideia de Cartografia: .....	25
2.2 - Da ideia de cartografia ao fazer cartografia.....	31
2.3 - A pré-individualidade: latitude e longitude.....	32
2.4 - Plano de consistência dos lineamentos.....	35
2.5 - Estratos, meios, juízos e caos: uma trajetória pela consistência.....	38
2.6 - Agenciamento de mapas e linhas para uma cartografia.....	46
2.7 - Agenciar os lineamentos para o/no plano de consistência.....	56
Capítulo III: Uma cartografia e suas disciplinas.....	62
3.1 - Uma cartografia e suas disciplinas.....	62
3.2 - Criação de um cérebro sujeito.....	72
3.3 - A intrincidade do não-disciplinar para uma cartografia.....	82
Conclusão.....	86
Referências Bibliográficas.....	91

## **Introdução**

O tema inicial desta dissertação anteriormente denominada “Perspectivas da Filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari enquanto exercício de construção de uma clínica da transmutação: da tipologia nietzscheana à etologia espinosana”, surgiu baseado em questões clínico-psicológicas, derivadas de uma filosofia da psicologia clínica. No entanto, conforme houve o efetivar da pesquisa, aconteceu um desvio nominal do título do projeto que passou a se chamar “Uma ideia de cartografia”. Embora tenha havido modificações na forma de apresentação da dissertação, o problema de pesquisa do mestrado permaneceu, pois com “Uma clínica da transmutação” pretendia-se transmutar os valores, escapar à velhas formas de sentir e de viver, através de um maior contato com as criações. Em uma “Uma ideia de cartografia”, isso se desdobrou, pois quando iniciamos por tratar de uma problemática que parecia de cunho individual, notamos que suas provocações estavam em toda uma ampla concreção dos jeitos de conhecer disponíveis. Com isso precisamos remanejar a forma de expressão da pesquisa para uma espécie de clínica de algumas maneiras de conhecer dadas.

No trajeto da pesquisa destacou-se a importância de uma processualidade que não está circunscrita a qualquer área específica de conhecimento, mas se dá em transversalidade por tantos campos de conhecimento conforme cada problema assim o exigir. Essa processualidade precisa ser verificada em cada caso-problema, solicitando tantas áreas do conhecimento quanto necessárias para sua resolução. Em consonância com a busca da pesquisa, os trabalhos com os dinamismos de uma cartografia surgiram em resposta às problematizações com linearidades transversais, inscritas para as especificidades de casos não dados, ou seja, a presente pesquisa visa criar alguma sustentação para problemas inéditos, ao colocar o trabalho com alguma ideia de maneira subsumida à especificidade do

caso aqui inexistente.

A importância desta dissertação está em disponibilizar meios, que facilitem aos dispostos em adentrar nos problemas inéditos, algumas passagens entre áreas do conhecimento que precisarão ser solicitadas e forjadas, conforme o caso. O objetivo deste trabalho é o de ofertar mais uma maneira suportiva para a criação de cartografias. Isto se dá através de linhas de atenciosidade teórica voltadas para conceitos, referências e sensações, que disponibilizam trajetórias deleuzo-guattarianas, em alguns casos agenciadas: noção de ideia, processo esquizo, inconsciente maquínico, vocabulários do virtual e atual, individuação, campo intensivo, devir, latitude e longitude, temporalidades, linhas de fuga, moleculares e duras, estratos, meios, juízo, caos, agenciamento, mapas e planos.

Gostaríamos de salientar que esta dissertação mostra um dentre vários percursos possíveis para compor cartografias, seu intuito é mais suportivo que propositivo. Tendemos a priorizar os planos de referência, de imanência e de composição, pois tais planos expressam um cérebro individuado, são os que Deleuze e Guattari elegem como os provenientes de cada disciplina vital, ou seja, de Ciências, Filosofias e Artes, que disponibilizam as caóides responsáveis por novas formas de sentir, conceber e conhecer, intersecção que expressa a distinção de uma cartografia.

## **Capítulo 1: Premência da ideia de cartografia**

*“... os Universais não explicam nada, eles próprios devem ser explicados.”*

Deleuze e Guattari

### **1.1 - Proposição Geral do Capítulo 1: Premência da ideia**

Quando falamos em uma ideia de Cartografia, a qual concepção de ideia nos

referimos? Na tentativa de responder a isso, notamos que em *O método de dramatização*<sup>1</sup>, Deleuze não se deixa convencer de que a questão “Que é?”, seja uma boa questão para levantar a ocorrência de alguma ideia. Por isso quando Deleuze busca determinar algo mais importante relativo à ideia, apura, dentre as questões: “quem?, quanto?, como?, onde?, quando?,” (ID, 1967, p. 129)<sup>2</sup>, as mais adequadas para cada caso. Sob as formas circunstanciais, as questões da ideia trazem uma maior verificação das relações diferenciais e suas distribuições de singularidades correspondentes. Esta maneira de levantar a questão da ideia visa tornar proveitosa ao máximo a potência interrogativa presente no idealizar.

## 1.2 – Levantamento da questão da ideia sob a forma essencialista “que é?”

Com Deleuze (1967) podemos compreender uma inseparabilidade entre a descoberta da ideia e certo tipo de questão. Quando se inicia, uma ideia corresponde a uma maneira de levantar questões, é portanto uma “objetividade”, que responde apenas ao apelo de certas questões. Quando se determina a questão da ideia sob a forma “Que é?”, tal questão opõe-se às questões que remetem a algum exemplo ou acidente. A forma “Que é?” visa à essência de algo e exclui de suas respostas tudo o que opera circunstancialmente. Por exemplo, não se pergunta por *onde* e *quando* há justiça, mas pelo que é *o Justo*; não se pergunta como obtém-se “dois”, mas o que é *a díade*; etc, não se pergunta quanto, mas *o quê*. Quando a “questão da ideia” assume a forma “Que é?”, mostra-se de um favorecimento confuso e duvidoso, que acaba animando os diálogos que caem em contradições.

---

<sup>1</sup> DELEUZE, G. O método de dramatização. In: *A Ilha deserta: e outros textos*. Org. Lapoujade, David. Trad. Orlandi, L. B. L. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 129-154. Também nos utilizaremos da lista de abreviaturas e nos referiremos a este texto do original de 1967 como ID.

<sup>2</sup> ID. Conforme organização de David Lapoujade, do original em francês na p. 131.

A questão “Que é?” prejulga a idéia (sic) como simplicidade da essência; então é forçoso que a essência – então simplificada – se contradiga, pois ela tem que compreender o não-essencial, e compreendê-lo em essência.” (DELEUZE, 1967, p. 131).

Assim, quando consideramos que a questão da essência é a da contradição e essa própria questão da essência nos lança em contradições inextrincáveis é como se a ideia só fosse determinável em função de alguma casuística, que então circunscreve a ideia a uma relação causal. Das relações causais herdamos a noção de ideias justas<sup>3</sup>, que direcionam antes mesmo do levantamento das questões da ideia, uma antemão do que irá respondê-las.

### **1.3 – Levantamento de coordenadas inclusivas do acidental na questão da ideia**

Procede-se de um jeito completamente distinto do contraditório, quando é o não-essencial que corresponde ao essencial, compreendendo-o apenas *no caso*. A este procedimento diverso do contraditório Deleuze (1967) denomina vice-dicção: “a subsunção sob ‘o caso’ forma uma linguagem original das propriedades e acontecimentos” (p. 131). A vice-dicção percorre a ideia como a uma multiplicidade substantiva, na qual a ideia está bem mais próxima do acidente do que de qualquer essência abstrata e traça dentre as questões da ideia, então sob as formas: “quem? Como? Quanto? Onde e quando? Em que caso?” (ID, 1967, p. 131), coordenadas certas de espaço e tempo. Tais coordenadas permitem que antes de lançar a ideia a qualquer fim último, haja primeiro um livre passeio pelo risco do acidente, de maneira que a ideia tenha como fazer um retorno às suas questões.

---

<sup>3</sup> MP, 1995, [1980], p. 23-36, neste período Deleuze e Guattari falam da noção de rizoma, aqui optamos por não citá-la nominalmente embora utilizemos sua máquina quando tratarmos dos lineamentos.

#### 1.4 - Alguns ambientes conceituais disparadores do processo esquizo

*“Quero é uma verdade inventada”*

*Clarice Lispector*

Se *O método de Dramatização* (ID, 1967) é o que nos permite realizar a colocação da questão da ideia de Cartografia, buscamos preenchê-la explorando ambientes conceituais diversos. Inicialmente, em *O Anti-Édipo* (AOE, 1972) encontramos o engrenar do processo esquizo, que funciona no liame entre esquizofrenia (Natureza) e paranóia (História); com uma passagem de *As Três Ecologias* (TRE, 1989) nos servimos para a exemplificação deste processo, também chamado de esquizo-paranoide<sup>4</sup>, que nos força a colocar o pensamento transversal<sup>5</sup> (esquizoanalítico) para funcionar (como veremos logo abaixo) e que nos servirá de guia para algum entendimento das noções vizinhas à referida noção de processo.

É de transversalidades que a efetuação de uma Cartografia se nutre, na tentativa de atingir um funcionamento transversal do substrato cartográfico, exploramos a ambiência de *Mil Platôs* (MP, 1980) e *O que é Filosofia?* (QPh?, 1991); o primeiro preserva uma imensidão de reais e possíveis dos quais trazemos algumas linhas e o segundo traz questões das ideias subjacentes aos conceitos de Filosofia, Ciências e Artes, dos quais trouxemos a intersecção, que exprime uma ideia de Cartografia. Na efetivação de uma cartografia é

---

<sup>4</sup> Com Deleuze e Guattari em AOE vimos que não nos interessa encontrar um pólo naturalista da esquizofrenia, nosologias também não nos interessam aqui, nem compreender a esquizofrenia a partir de um eu, ou de alguma definição que o tome por princípio. De nada nos serve encontrar a definição de vírus e de esquizofrenia se não fizermos ideia da questão subjacente a tais conceitos, só quando operamos com tal subjacência é que as definições e suas articulações serão ou não necessárias conforme o caso.

<sup>5</sup> Em ID, Deleuze dedica o texto “Três problemas de grupo” de 1972 à Guattari e nele exprime uma das noções que bebe de Guattari, a de *coeficiente de transversalidade* (p. 255-256), ou seja (para o sentido que nos interessa aqui), a capacidade de um grupúsculo em unir-se em decorrência de colocar suas questões em análise, de fazer de seu grupo um analisador que, em virtude de suas criações une por opor-se ao desejo de massa e às sínteses pseudo-rationais e científicas, analisando-as e colocando as criações analíticas de seus grupúsculos no bojo das teorias que concebe.

preciso inicialmente distinguir dois níveis de ação, duas dimensões: o que se passa sobre o que se cartografa? e como criar uma cartografia?. Estas duas maneiras aparecem enredadas uma na outra, dependendo do momento e da processualidade do caso.

O problema de uma ideia de cartografia é o de tratar as coordenadas espaço-temporais sob pressões circunstanciais, de modo que se evidenciem as ordenadas intensivas, os dinamismos espaço-temporais, o que deve preservar o processo e, portanto, as multiplicidades. Uma cartografia traz uma verdade arduamente construída a partir de problemas verdadeiros, um saber que só se faz quando já se abandonou as pretensões hegemônicas. Não se faz cartografia com regras extrínsecas ao processo ao qual ela se acopla, ao contrário, é no fazer intrínseco à criação processual, que se traça as regularidades locais e suas regras descartáveis.

Aqui, quando falamos em processo – condição para a efetivação de uma cartografia – não perdemos de vista o seguinte caso: em textos posteriores a *ID* (1967), notadamente nos quais de Deleuze e Guattari unem-se, podemos observar o esforço da dupla em preservar o infinito. Como vimos, tal busca exprime-se, dentre outros, na concepção de “processo esquizo” – o processo da esquizoanálise - presente em *O Anti-Édipo*<sup>6</sup>, nele, aparecem dois sentidos de processo que, imbricados se confundem: um na História e outro na Natureza. Essa concepção de processo não prima por finalismos, nem por continuidades estendidas ao infinito, mas por sua efetivação. O “como?” de nossas questões da ideia é a efetivação de um processo, as criações dos verbos intrínsecos à tais efetivações, que partem da imbricação entre História e Natureza, ou seja, entre paranóia e esquizofrenia. Na História, como produção social das máquinas desejanter e, na Natureza, como produção

---

<sup>6</sup> Deleuze e Guattari. *As Máquinas desejanter*. In\_: *O Anti-Édipo*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

metafísica do demoníaco, conforme veremos logo mais em subsequência.

Em AOE vemos que os sentidos históricos e naturais de processo História e Natureza se dão com as máquinas. As máquinas possuem suas ligações, são máquinas de máquinas, com seus fluxos, seus cortes de fluxos e seus efeitos de máquinas, sem metáforas. Alguma máquina-órgão liga-se a outra máquina-origem, uma emite um fluxo, a outra o corta. Por exemplo: a máquina *seio* de produzir leite se liga com a máquina *boca*. “A boca do anoréxico hesita entre uma máquina de comer, uma máquina anal, uma máquina de falar, uma máquina de respirar (crise de asma)”<sup>7</sup> (DELEUZE e GUATTARI, 1972, p. 11). Todos aproveitamos coisas já usadas, partidas e modificamos sua utilização, adaptando tais coisas a outras funções, cada um com suas máquinas de fluxos e cortes de fluxos. No processo, o esquizo não diz mais “eu”, resume tudo ao dizer “me re-sabotam”, é preciso devolver-lhe a função de enunciação. Se o esquizo volta a dizer “eu”, isso não muda nada, considera-se fora e para além desses problemas. “Não mais direi eu, nunca mais o direi, é uma asneira. A cada vez que ouvi-lo, porei no seu lugar a terceira pessoa, se pensar nela. Se isso os diverte. Isso nada mudará” (DELEUZE e GUATTARI, 1972, p. 39)<sup>8</sup>. O esquizofrênico vive a natureza como processo de produção, não está preocupado com questões do “eu”, há muito já desacreditou delas. Há muito também já desacreditou da autonomia entre produção, distribuição e consumo. Está além, atrás, em alguma parte acima, mas não nesses problemas. Sabe que não há esferas ou circuitos independentes, mesmo relativamente e que em qualquer lugar haverá problemas, sofrimentos e misérias insuperáveis e insuportáveis:

---

<sup>7</sup> AOE. Na tradução brasileira (p. 11) e no original em francês (p. 07) há referência à máquina anal, que não aparece na edição portuguesa (p. 07).

<sup>8</sup> AOE. Em referência aos três conceitos que marcam a esquizofrenia: a dissociação a partir de Kraepelin, o autismo a partir de Bleuler e o espaço-tempo ou ser no mundo a partir de Binswanger.

...porque querer reconduzi-lo àquilo que já saiu, recolocá-lo nesses problemas que não são mais os seus, por que zombar de sua verdade, que se pensou homenagear suficientemente ao fazer-lhe uma saudação ideal? (DELEUZE e GUATTARI, 1972, p. 39)

O esquizo sabe que absolutamente tudo é produção. Imediatamente a produção é consumo e registro, e consumo e registro determinam a produção diretamente nela. Produção de registros, distribuições, pontos de referência, consumos, volúpias, angústias, dores e etc. No processo, registro e consumo são inseridos na produção e são produções de um mesmo processo. As máquinas estão por toda parte, já há uma máquina minuciosa na própria variabilidade de um percurso. O esquizofrênico passeia e na continuidade de seu passeio há uma máquina minuciosa, um pouco de ar livre na relação direta com o exterior. Um processo produz homem e natureza, de tal maneira que já não há nem homem nem natureza, ambos são concebidos em um processo de produção, assim já não há mais “eu”. O que há por toda parte são máquinas, máquinas produtoras e produtos, máquinas desejanter, máquinas esquizofrênicas.<sup>9</sup>

Qual a serventia desta ou daquela máquina? Em TRE Guattari<sup>10</sup> (1989) evoca um experimento televisivo, no qual um polvo bem vivo, dançante e animado, que vivia em uma água poluída de porto, foi utilizado. O apresentador do experimento dispôs duas bacias de vidro, uma contendo a água poluída com o polvo e outra com água “normal”, quando o apresentador mergulhou o polvo na água “normal” observou-se que o animal foi ficando engurrado, abatido e então morreu. A indistinção homem-natureza também foi revelada de maneira brutal por “Chernobyl e a Aids”.<sup>11</sup> Como resiste uma vida humana frente a um

---

<sup>9</sup> AOE p. 12-16.

<sup>10</sup> GUATTARI, F. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papyrus, 1990, p.24 e 25. Ao evocar um experimento que Alain Bombard realizou na televisão. Do original de 1989, ao qual também nos remeteremos como TRE.

<sup>11</sup> Podemos dizer que os vírus são uma expressão “aforismático-maquinica” da potência de um agenciamento. Trabalharemos a noção de agenciamento adiante.

viruzinho que o homem nem sequer enxerga junto a toda uma maquinaria cósmica? Em que medida os níveis de radiação podem ser mantidos seguros ao se utilizar a energia nuclear? Questões como estas mostram que há uma reviravolta técnico-científica e nela o homem não é mais o rei da criação, é apenas tocado pela vida de todas as formas e gêneros<sup>12</sup>. Não se pode mais separar natureza de cultura, os Universos de referência sociais e individuais, as interações entre ecossistemas, todas as máquinas envolvidas mostram a necessidade urgente de aprendermos a pensar “transversalmente”. A inseparabilidade entre natureza e cultura nos pede que as criações analíticas adjacentes às experiências sem precedentes possam ser trazidas como elementos unificadores de um algum pequeno grupo, através de sua capacidade de colocação de suas próprias questões em análise<sup>13</sup> e não de alguma organização prévia.

Há uma natureza em constante modificação, a colocação dessa modificação em análise conclama uma transversalidade. “Tanto quanto algas mutantes e monstruosas invadem as águas de Veneza, as telas de televisão estão saturadas de uma população de imagens e enunciados ‘degenerados’.” (GUATTARI, 1989, p. 25). Nessas e outras ligações fabricamos uma Natureza que sempre se modifica, a qual Deleuze e Guattari (AOE, 1972) denominam produção metafísica do demoníaco. A produção como processo não está dada em nenhuma categoria ideal, no entanto pode partir de ideias e tem como princípio o desejo inseparavelmente produtor e produto. O esquizo só é compreensível como *Homo natura*, a produção desejante é sua categoria efetiva. Mas efetiva como?

Em AOE a efetividade de um processo desejante, ou processo esquizo jamais deve ser confundida com sua própria continuação ao infinito e qualquer processo não deve ser

---

<sup>12</sup> AOE, p. 15

<sup>13</sup> AOE

tomado como um fim. O esquizofrênico como o (ainda hoje) encontrado nos hospitais psiquiátricos, sua produção enquanto entidade é produzida tanto pela paralisação bruta e prematura de um processo, quanto por sua continuação até o infinito<sup>14</sup>. Em uma ponta do processo, quando nos deparamos com uma paralisação abrupta, qual é a máquina que pode produzi-la? “Adivinhem qual é a utilidade de um faqueiro, por exemplo, a partir de sua descrição geométrica” (DELEUZE e GUATTARI, 1972, p. 13).

Quando nos deparamos com uma fantástica repressão das máquinas desejantes porquê e com qual fim essa máquina corta o fluxo das máquinas desejantes? É mesmo necessário e desejável nos sujeitarmos a isso? Na outra ponta do processo, Deleuze e Guattari remetem-se à Lawrence quando este exprime o problema do finalismo, da continuidade ao infinito, quando se faz de um processo um fim. Fazer de um processo sua continuação ao infinito, à uma extremidade horrivelmente intensificada, na qual corpo e alma chegam a perecer, não é efetivar um processo. O fim de um processo é dado por sua própria efetivação. Quando Lawrence falava do amor <sup>15</sup>, não via a sexualidade como um sujo segredinho que devesse ser desinfetado, ao contrário, tinha a impressão de que ela admitia ainda mais força ou potencialidade. Nessa e nas mais diversas produções “o produzir está sempre inserido no produto” (DELEUZE e GUATTARI, 1972, p. 17).

Na produção não há especificidade nem entidade do processo, ou seja, não há um “eu” da esquizofrenia, uma especificidade da esquizofrenia sem que ela esteja diretamente ligada ao seu processo de produção. “A esquizofrenia é o universo das máquinas desejantes produtoras e reprodutoras, a universal produção primária como ‘realidade essencial do homem e da natureza’” (DELEUZE e GUATTARI, 1972, p. 16), é como no amor, sem

---

<sup>14</sup> OAE, p. 15-16

<sup>15</sup> Amor é o tema do qual Deleuze e Guattari extraíram este último aspecto da noção de processo em AOE, p. 58 do original, p. 69 da edição brasileira e p. 52 da edição portuguesa.

especificidade ou entidade. “*Porque o inconsciente é órfão*” (DELEUZE e GUATTARI, 1972, p. 69) produzindo-se na identidade natureza-homem. Isso fica claro: quando o cogito se descobre sem pais, quando o pensador socialista descobre a unidade homem-natureza, e quando um ciclo descobre-se independente de regressões parentais. A rigor não há ‘pessoa’ esquizofrênica, mas processo esquizofrênico que pode se superintensificar ao infinito ou ser bloqueado abruptamente, causando o esquizo entidade como os psiquiatrizados que vemos, ou seja, não há unidade específica do esquizofrênico que funciona sozinha, este esquizo entidade decorre da maneira como funcionam as máquinas desejanter nas quais está inserido.

Nas máquinas desejanter há um funcionamento de tudo em simultâneo: hiatos, rupturas, panes, falhas, curto-circuitos, despedaçamentos, somas que nunca reúnem suas partes em um todo<sup>16</sup>. Uma máquina antes de ser técnica é necessariamente social<sup>17</sup>, nela não há distinção entre sua produção e seu funcionamento, jamais se confunde com qualquer mecanismo fechado, de tal maneira que “máquinas sociais” e “máquinas desejanter” não possuem diferença de natureza, mas uma diferença de lógica ou regime. As máquinas desejanter: “debaixo da pele o corpo é uma fábrica a ferver”<sup>18</sup>, investem as máquinas sociais: “mercado capitalista, Estado, Igreja, Exército, família, etc” (ZOURABICHVILLI, 2004, p. 35) e constituem o inconsciente das máquinas sociais. Ao mesmo tempo em que as máquinas desejanter se alimentam das máquinas sociais e as tornam possíveis, também as corroem por dentro. Isto ocorre simplesmente porque o desejo produz; o inconsciente é

---

<sup>16</sup> AOE, 1972, p. 50 do original.

<sup>17</sup> Aqui, junto de AOE utilizamos também *O Vocabulário de Deleuze* (2004), no qual François Zourabichvilli compila alguns conceitos, neste caso o de máquinas desejanter e máquinas sociais, p. 35. Da trd. br.

<sup>19</sup> Deleuze e Guattari, em AOE, p. 13 da ed. br. referem-se ao *Van Gogh le suicidé de la société*, de Artaud.

produtivo e é feito de produção desejante, de produção de máquinas desejantes, de produção de máquinas desejantes em máquinas sociais.

Vimos dentre os dois sentidos de processo: na História “máquinas sociais”, na Natureza “máquinas desejantes”, três outros sentidos concomitantes: a inserção de registro e consumo na própria produção de um processo, a indistinção homem-natureza e uma condição de efetivação de um processo esquizo.

## **Capítulo II: Uma ideia de Cartografia**

“Nunca idéias justas, justo uma idéia (Godard).”

Deleuze e Guattari

Deleuze (1967, p. 137) precisa as condições sob as quais o emprego da palavra “virtual” pode ser feito de maneira rigorosa, tais condições se dão quando contemplamos no termo virtual sua realidade plena, ou seja, atual e virtual são ambos repletos de realidade embora se oponham em sua maneira de funcionar.

As multiplicidades distinguem-se entre virtuais e atuais, sendo que a realidade própria ao virtual constitui-se por relações diferenciais e singularidades espalhadas nos mais diversos sentidos. O virtual pertence à ideia e não depende de semelhança. A ideia “é uma imagem sem semelhança; o virtual não se atualiza por semelhança, mas por divergência e diferenciação” (DELEUZE, 1967, p. 137). O que difere entre virtual e atual é o **Outro**, que aparece uma vez na ideia e outra vez, de uma maneira completamente diferente, quando a ideia passa por um processo de atualização. “A diferenciação, ou atualização, é sempre criadora em relação ao que ela atualiza” (DELEUZE, 1967, p. 137).

Segundo Deleuze, dispomos de duas principais **características** da ideia:

1). Uma quando levamos em consideração o conjunto de relações diferenciais entre elementos destituídos de forma (sensível) e de função, que existem unicamente por sua determinação recíproca ( $dx/dy$ ). Dito de outra forma, por definição nominal: uma ideia é um conjunto de relações diferenciais entre elementos destituídos de forma e função, que se unem por sua determinação recíproca. Essa definição de ideia traz uma das características da ideia: o **elemento ideal**, este sem forma e sem função, existente por determinação recíproca. No entanto essa definição de ideia abarca apenas um aspecto das multiplicidades de suas características principais.

2). Outra característica da ideia se dá quando levamos em consideração as distribuições de “singularidades” e notamos que estas “singularidades” estão em correspondência direta com as relações diferenciais, das quais partem. O **acontecimento ideal** é aquele que, a partir de relações diferenciais, deriva entre o notável e o ordinário. No acontecimento ideal um ponto notável qualquer provoca uma série que se estende sobre os pontos ordinários até as vizinhanças de outra singularidade.

Na atualização de um acontecimento ideal, com seus elementos ideais há também uma individuação. O tema da individuação aparece em Deleuze sob variações distintas. Com Sauvagnargues (2005)<sup>19</sup> a recorrência de tal tema nos chega de uma maneira sistemática, ela traz mais autores nos quais Deleuze se referencia para criar alguma noção de pré-individualidade, que entra em outro plano de expressão, quando Deleuze realiza suas torceduras ao criar conceituações sinergizantes da noção de individuação.

---

<sup>19</sup> SAUVAGNARGUES, Anne. Gilbert Simondon. In\_: *Aux sources de la pensée de Gilles Deleuze I*, Mons: Sils Maria, 2005, p. 193-198.

Segundo Sauvagnargues (2005) a noção de individuação aparece inicialmente com Simondon e também em Espinosa, Nietzsche, Bergson e Foucault. Tal noção deleuziana de individuação<sup>20</sup> traz como condição precedente a existência de uma diferença de potencial, um estado de dissimetria entre as idealidades de pensamento e o reencontro brutal com algum signo sensível que produz pensamento. A disparidade irreduzível entre estes dois elementos produz um disparo através do díspar, que cria uma nova dimensão. Essa dimensão é modulada no tempo de tal maneira que acopla uma variação contínua de diversos materiais e forças, de singularidades impessoais e pré-individuais que, ao interagir e produzir signos proporciona uma tomada de forma. Nesta tomada de forma a variação de materiais e forças já é um desenvolvimento ininterrupto da forma que se diferencia de maneira intensiva<sup>21</sup>. É que uma individuação é intrínseca ao seu campo pré-individual de constituição. Assim a produção de um indivíduo se dá por modulação, que resolve a diferença de intensidade de um campo pré-individual de individuação, através do atualizar da disparação. A resolução da diferença se dá pela atualização da diferença e não por resolução em identidade. Uma individuação é a própria resolução por atualização de diferença problemática. “Não se separa um indivíduo de seu ambiente, ambos surgem da mesma operação de individuação.” (SAUVAGNARGUES, 2005, p. 197)<sup>22</sup>.

A partir da noção deleuziana de individuação podemos trabalhar nos vocabulários do atual e virtual de maneiras distintas, estando uma individuação do diferencial para a disparação das diferenças de potencial, assim como está uma individuação do diferencial para a resolução das diferenças de potencial por diferença intensiva.

---

<sup>20</sup> SAUVAGNARGUES, 2005, p. 197-198.

<sup>21</sup> Aqui Sauvagnargues (2005) remete-se à noção simondiana de hecceidade, mais adiante trabalharemos a noção de hecceidade tomando por base a leitura que Deleuze faz de Espinosa.

<sup>22</sup> Do original “On ne peut séparer l’individu de son milieu, et tous deux résultent de la même opération d’individuation” (p. 197).

Aqui iremos exprimir o processo de individuação pelo grafismo “~~~~”. Assim há uma correspondência dessemelhante entre dois aspectos da *diferenciação* e *diferença*o (e *vice-versa*):

**diferenciação:**

- natureza de fundo pré-individual  
(irredutível a qualquer universal abstrato)
- relações de singularidades  
(caracterização de ideias - multiplicidades virtuais)

~~~~

~~~~

**diferença**o:

- relações e singularidades  
(espécies e partes)
- qualidades e extensos  
(objetos de representação)

Juntas em ID<sup>23</sup> as noções de diferenciação e de diferença, exprimem a condição própria à cosmologia, elas exprimem como duas metades de um objeto. Esse quadro mostra uma correspondência dessemelhante, pois, em cada processualidade haverá atualizações e virtualizações, através de determinações recíprocas com natureza de fundo pré-individual, singularidades ideais, ou através de relações de singularidades enquanto qualidades extensivas, espécies e partes. “A diferenciação exprime a natureza de um fundo pré-individual que de modo algum se reduz a um universal abstrato, mas que comporta relações e singularidades que caracterizam as multiplicidades virtuais ou Idéias” (DELEUZE, 2008, p. 139). Aqui há uma disparação das virtualidades. E a diferença exprime relações e singularidades que se atualizam em qualidades e extensos, ou seja, em espécies e partes que se atualizam como objetos de representação. É uma resolução das diferenças por atualização na diferença.

Em ID podemos notar que a correspondência de dois aspectos que não possuem semelhança não basta. Há necessidade de um terceiro aspecto que determine a ideia a atualizar-se e encarnar-se como uma ideia. Essa atualização que proporciona o encarnar-se

---

<sup>23</sup> Nota do tradutor (2006, p. 130).

da ideia, ocorre via “campo intensivo”<sup>24</sup>. Sem o “campo intensivo” não há passagens entre o virtual e o atual. Os campos intensivos de individuação colocam-se em estado de atividade por precursores que possuem este papel de passagem entre virtual e atual, por sujeitos larvares que se constituem em torno de singularidades impulsionando a passagem entre virtual e atual e por dinamismos próprios que preenchem esse sistema de passagens. Ao elemento que faz a passagem do virtual ao atual chamamos *diferenciador*. A noção completa atuante para que se determine a atualização da ideia é o conjunto de: *indiferenciação* e *indi-diferençação*. Essa noção completa é a dos dinamismos espaço-temporais nos campos de individuação. Os dinamismos espaço-temporais *indiferenciação* e *indi-diferençação* são os determinantes para que as ideias (multiplicidades virtuais) se atualizem. Tais dinamismos premem os campos de individuação<sup>25</sup>. Um conceito não ativado pelos dinamismos constitutivos da ideia é um conceito preso à representação.

Um campo intensivo pode ser expresso pela noção de devir. Como o conceito de devir aparece em transversalidade pela obra deleuzo-guattariana, adentramos nele através da compilação didática que Zourabichville (2004, p.37-38) faz, no que toca ao devir em sua maneira co-evolutiva de funcionar - devir em seu caso *restrito*<sup>26</sup>. Mas antes vejamos que qualquer devir forma um “bloco”, ou seja, a desterritorialização mútua de dois termos heterogêneos. No “bloco”, outra forma de viver e sentir se envolve na nossa, a assombra, a “faz fugir”. A relação inicial entre os dois termos heterogêneos mobiliza então quatro termos, que se dividem em séries heterogêneas entrelaçadas: x, quando envolve y, torna-se x’; y, nessa relação com x, torna-se y’. De tal modo que sempre há reciprocidade no

---

<sup>24</sup> ID, p. 129-154, em especial na p. 39 da trad. br.

<sup>25</sup> Conforme a noção de individuação exposta anteriormente.

<sup>26</sup> Há duas maneiras do devir funcionar: a restrita e a geral. Veremos a maneira geral de funcionamento do devir mais adiante, com o devir-cavalo.

processo, mas jamais simetria: x não “se torna” y, sem que y venha a ser outra coisa. Uma das maneiras de funcionar do devir é a do caso restrito. Nela, quando ocorre do termo encontrado “x e y” também ser o termo que encontra, um duplo devir acontece de cada lado, é a maneira co-evolutiva, ou dito de outra maneira, co-involutiva do devir.

Para exemplificar o caso restrito, nos remetemos ao encontro de vespa e orquídea, célebre em Deleuze e Guattari (1995 p. 17-18). A orquídea vive em certo espaço, em um território delimitado e, no momento em que é tocada pela vespa - o díspar<sup>27</sup> -, sofre um embaralhamento de seus mundos, com a vespa forma uma nova imagem, compõe com a vespa uma breve pausa em seu universo e a vespa é então agregada ao espaço da orquídea. Juntas, vespa e orquídea mesclam-se em uma nova imagem, que passa a ser um novo territóriozinho borrado, também para a vespa. A vespa muda de espaço passa a ser ela mesma uma parte no aparelho reprodutor da orquídea e traz um novo universo, um novo território para a orquídea, quando faz o transporte de pólen. "Núpcias entre reinos". Se dissermos que a orquídea imita a vespa, isto só é verdade em um nível mais rígido, que coloca de um lado organização vegetal e de outro, organização animal, em paralelo. Mas isso é insuficiente, porque não se trata de uma mera imitação da vespa pela orquídea, de uma maneira bem diferente, vespa e orquídea capturam os códigos uma da outra e fazem com isso, aumentar as capacidades de saturação de seus corpos. Há uma “mais valia” de códigos, um aumento de valência em ambos os lados, ou seja, um duplo devir, o devir-vespa da orquídea e o devir-orquídea da vespa, e assim os devires vão se enlaçando e se revezando em uma longa circulação de intensidades, circulação esta, a única que assegura a expansão dos universos, empurrado-os cada vez para mais longe. Esses dois seres não possuem nada em comum um com o outro, não se assemelham nem se imitam, no entanto

---

<sup>27</sup> SAUVAGNARGUES, 2005, p. 197-198.

evoluem de maneira *a-paralela*. Explodem em duas séries heterogêneas, cada qual com novas intensidades.

No encontro entre vespa e orquídea não há semelhança prévia, há uma *indiferenciação* que se virtualiza na radicalidade da diferença. Vespa de um lado e orquídea de outro trazem consigo mundos inéditos, códigos virtuais através dos quais passa um diferenciador que dispara um processo de atualização. Dito de uma maneira mais precisa, vespa e orquídea trazem consigo distribuições de multiplicidades virtuais, variações de relações diferenciais e distribuições de singularidades correspondentes<sup>28</sup>, que se intercambiam entre uma e outra, efetivando novas relações diferenciais, em uma diferenciação que virtualiza os códigos. Neste processo que é sempre criador, *indi-diferencia-ça-do*, cada uma das duas – vespa e orquídea - se atualiza por divergência e diferenciação.

## **2.2 – Da ideia de cartografia ao fazer cartografia**

Até agora sabemos que a efetivação de uma cartografia é sempre circunstancial ao caso. Ela é processual; insere a produção no produto; não distingue homem de natureza; leva em consideração as produções técnicas e todo um emaranhado irreversível de relações entre corpos a que Deleuze e Guattari chamam de metafísica do demoníaco; atenta para o que as máquinas desejanter produzem na História, parte da compreensão do desejo em sua inexorabilidade produtiva, que dispara investimentos das mais diversas ordens nas máquinas sociais; traz duas dimensões do real: o real-atual e o real-virtual; mostra que o campo intensivo é o responsável pelas passagens de virtual em atual; leva em consideração o que se compõe ou não; as individuações, devires e um arsenal de questões instrumentais

---

<sup>28</sup> Aqui perceptos e afectos correspondentes às relações diferenciais.

que, dentre outros, envolvem e encarnam uma ideia. Tudo isso durante o seu percurso produtivo.

### **2.3 – A pré-individualidade: latitude e longitude**

Quem trabalha uma ideia de cartografia? Quem a maquina? Quem a escreve? É você! Sou eu! Somos todos os pronomes reunidos. Somos uma individuação. E isso nada tem de vago. Se dissermos “eu” quem diz é o esquizo que retoma sua função de enunciação. Esse “eu” nada tem a ver com o seu caso particular e vasculhamentos de arquivos familiares. Para Deleuze (1988)<sup>29</sup> apelar para a própria infância é fazer “literatura barata”, “*best-sellers*”, “é realmente uma “porcaria”<sup>30</sup>; diferentemente de reinventar, ainda que se extraia as reinvenções de fórmulas estereotipadas. Numa cartografia se arranca uma geografia dos afetos, ainda que para isso se utilize de uma história. Quem diz o “eu” que importa, não o diz em relação à infância dele, nem a de qualquer outra pessoa. Ao invés de parar e reencontrar o eu, é preciso ir muito mais longe, é preciso ir até o abandono dos fantasmas, até onde eles já não significam nada, até onde o nosso “eu” já se desfez suficientemente, onde somos capazes de entrar em contato com partículas dessubjetivadas que nos colocam em contato com o exterior, até quando podemos captar o “entre”. Porque só se diz algo importante de fato, quando se mostra a vida e testemunha em favor dela e dos “idiotas” que estão morrendo no mundo. “O mundo é o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem” (DELEUZE, 1997, p. 13)<sup>31</sup>. A literatura que importa em uma cartografia liberta-nos do homem, de seus organismos, de seus gêneros e do interior deles.

---

<sup>29</sup> Durante entrevista concedida à Claire Parnet: “O Abecedário de Gilles Deleuze”, de 1988.

<sup>30</sup> Durante toda a noção de “quem?” trabalhamos parafraseando: Deleuze na entrevista a Claire Parnet, em O Abecedário de Gilles Deleuze, p.23; o “esquizo” como “sujeito” de enunciação em AOE, p. 28 da trad. port; e a noção de mundo e povo, presente em “A Literatura e a Vida” de CC, 1997, p. 13-15; e MP, vol. 3, p.11.-12 da trad. port.

<sup>31</sup> Aqui Deleuze e Guattari remetem-se à Nietzsche.

Liberta-nos do eu, da própria pleonástica e viciosa subjetivação. Coloca-nos em contato direto com o fora. Não é a que investe na interrupção brusca dos processos e na pretensão de alguma raça pura e dominante, essa é bula da própria doença. Ao contrário, é a que você faz! Mas qual você? Esse qual em que “você é longitude e latitude, um conjunto de velocidades e lentidões entre partículas não formadas, um conjunto de afectos não subjetivados” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 45). Como assim? Ora, pelo conjunto de todos os elementos materiais, de todas as últimas partes infinitamente pequenas, que se são suas o são sob: “relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão”<sup>32</sup> ( DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 40). A longitude implica a ideia de que somos multiplicidades infinitas. Eu, você<sup>33</sup> e qualquer outro. A Natureza da qual não nos separamos é uma multiplicidade de multiplicidades ela mesma individuada. Quando falamos de uma multiplicidade ela mesma individuada, consideramos a individuação de todos os longínquos elementos e partículas materiais, que se mexem, e se atrasam e/ou se precipitam conforme suas conexões e, que chegarão ou não rápido o bastante para operar uma passagem.

Chama-se *longitude* de um corpo os conjuntos de partículas que lhe pertencem sob esta ou aquela relação, sendo tais conjuntos eles próprios partes uns dos outros segundo a composição que define o agenciamento individuado desse corpo. (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 39)<sup>34</sup>.

A noção de longitude e latitude na qual se amparam Deleuze e Guattari é espinosista. É essa noção que nos coloca a ter de você outro aspecto, quando trabalhamos em uma cartografia. Tal aspecto é a latitude. A latitude é a correspondência a um grau de potência, em cada relação de longitude. A cada relação de lentidão e velocidade, de repouso

---

<sup>32</sup> Sempre que falam em longitude e latitude, Deleuze e Guattari referenciam-se em Espinosa. Aqui nos referenciamos em *Lembranças a um espinosista I, II e III*, In\_: *Devir intenso, devir animal, devir imperceptível* de Mil Platôs vol. 04.

<sup>33</sup> Nessa dissertação, quando usarmos você em referência a “quem?” realiza uma cartografia, estamos nos baseando na noção de individuação por hecidades.

<sup>34</sup> Trabalharemos com a noção de agenciamento mais adiante.

e movimento que reúne uma infinidade de partes, há um grau de potência correspondente. As relações que compõem, decompõem ou modificam um indivíduo – no caso você -, em suas próprias partes ou em partes vindas do exterior, encontram correspondência em relações que o afetam e aumentam ou diminuem sua potência de agir. Chamamos de “a sua” latitude, os afectos que você pode, de acordo com os limites do seu grau de potência. “A latitude é feita de partes intensivas sob uma capacidade, como a longitude, de partes extensivas sob uma relação.” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 39). A latitude à qual você se referencia são todos os afectos intensivos que te compõem. São os encontros intensivos. Uma cartografia parte dos graus de potência que te compõem. Por isso já de início – e durante todo o trajeto – é importante que você **mapeie seus encontros intensivos**, os afectos de que você é capaz segundo tal grau de potência. Pois eles continuarão, de um jeito ou de outro atuando em você. Seus graus de potência encontram um limiar mínimo e um limiar máximo. Encontros intensivos são recheados de graus de potência. É com a potência que se faz a aliança para restaurar a infância que importa. “Os que se interessam pela sua própria infância que se danem e que continuem a fazer a Literatura que eles merecem” (DELEUZE, 1988, p. 23<sup>35</sup>). Em uma cartografia - seja ela escrita ou não -, o que interessa é encontrar graus de potência e ir em direção à infância do mundo para restaurá-la. É inventar uma possibilidade de vida, escrever e/ou maquinar em intenção de um povo que ainda não existe.<sup>36</sup>

Encontramos duas maneiras necessariamente unidas, pelas nas quais uma cartografia pode ocorrer: a composição das relações constitutivas dos indivíduos envolvidos e a variação do poder de afetar e ser afetado desse conjunto de indivíduos, chamamos

---

<sup>35</sup> Essa numeração refere-se às páginas transcritas e digitalizadas da entrevista: *O abecedário de Gilles Deleuze*, de 1988.

<sup>36</sup> p. 15 e 23 de *O abecedário de Gilles Deleuze* transcrito e digitalizado.

anteriormente a isso de você, de eu, de pronomes reunidos e vimos Deleuze e Guattari em MP denominarem isso de longitude e latitude. No entanto, a referência longitudinal e latitudinal que utilizamos para colocar esse que chamamos de você na função *vice-dictória*, encontrará o que dizer em suas sondagens territoriais, indo até o local e verificando com todos os sentidos o que se passa? . Então já sabemos que é você o “quem?” de uma cartografia e que isso implica a busca de um “lugar”, e que neste lugar você passará a ser um dos indivíduos que o constitui, atuando nas variações do poder de afetar e ser afetado locais, ou seja, na longitude e na latitude que somam dimensões quando você e o local formam um novo corpo. Você deverá buscar aliados<sup>37</sup>. Não há mais sombra de neutralidade e sim a composição de corpos no plano.

#### **2.4 – Plano de consistência dos lineamentos**

Qual plano é este em que se encontra a composição dos corpos? É o plano de consistência, o plano de uma cartografia. Nele um corpo se define por latitude e longitude. “Latitude e longitude são os dois elementos de uma cartografia” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 43). É assim que buscamos atingir aquele “você” do qual falávamos, que a rigor chama-se hecceidade. Hecceidade<sup>38</sup> quer dizer “o que me ataca”. Quando se escreve *ecceidade* sem o “h”, tal palavra deriva de *ecce*, “eis aqui”, o que se configura como um erro, mas um erro fecundo, passível de um procedimento por vice-dicção, que traz em si uma abertura para o fora, para as multiplicidades, um *eis-me aqui para o que me ataca*, no

---

<sup>37</sup> Aqui a referência é a longa experimentação com o *peyotl*, na qual Castanheda foi conduzido pelo índio Don Juan (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 22)

<sup>38</sup> Conforme nota de rodapé 24, inserida no texto “Devir intenso, devir animal, devir imperceptível”, de MP, 1997, p. 40.

qual você é um modo de individuação que se dá por “*h-e-cceidade*”<sup>39</sup>.

“Você não dará nada às hecceidades sem perceber que você é uma hecceidade, e que não é nada além disso” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 42). Isso porque você e todos os seus meios percorridos são composições de linhas. Deleuze e Guattari destacam pelo menos três linhas: linha de fuga, linha molecular e linha dura, que trazem consigo diferentes graus de potência. Em cada uma dessas linhas há uma longitude e uma latitude, elas se individualizam por hecceidade. As individuações por hecceidades são concretas e valem por si mesmas, tudo o que há são relações de movimento e repouso entre moléculas e partículas e a potência de afetar e ser afetado, que comanda a metamorfose das coisas e sujeitos. As processualidades da criação de uma cartografia se dão em conjunto com o individualizar-se por hecceidades. “Uma hecceidade não tem nem começo nem fim, nem origem nem destinação; está sempre no meio. Não é feita de pontos, mas apenas de linhas.” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 42). Linhas em “n” dimensões. Vejamos de uma maneira mais didática, um pouco da funcionalidade de cada uma dessas linhas.

Em um plano de organização, uma linha tende à longitude e ao tempo cronológico. A temporalidade cronológica é uma temporalidade definida, que fixa coisas e pessoas, Cronos é o tempo da medida, o tempo que desenvolve formas, que determina sujeitos, o tempo do “ser”. O tempo extrínseco aos processos. Essa linha que mostra as formas, os sujeitos, os seres, a cronologia, os códigos, as paisagens, os personagens, no nível em que se pretende que haja correspondência entre forma e expressão é a linha dura, ou linha de segmentaridade dura. Ela é sempre atravessada por outras e é a que, se considerada “em si”, traz um menor grau de potência<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> Aqui buscamos incorporar as duas maneiras de escrita: *ecceidade* e *hecceidade*.

<sup>40</sup> Se houver mais poder na linha dura tendemos a entender que tratar-se de poder e não de potência, conforme

As outras duas linhas passam por uma relação temporal de outra natureza, pois estão ligadas à temporalidade aiônica. A temporalidade aiônica é indefinida, Aion é o tempo do acontecimento. Essa temporalidade é uma

linha flutuante que só conhece velocidades, e ao mesmo tempo não pára de dividir o que acontece num já-aí e um ainda-não-aí, um tarde demais e um cedo demais simultâneos, um algo que ao mesmo tempo vai se passar e acaba de passar (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 42)

O tempo aiônico enuncia velocidades e lentidões relativas<sup>41</sup>, é o tempo de cada processualidade, o tempo do infinitivo. A linha de segmentaridade molecular é atravessada por lineamentos cronológicos e aiônicos ao mesmo tempo, por reais - atuais e virtuais - ela cria e explode formas, sujeitos e seres, também atua em partículas e devires. Entre o modo de individuação temporal<sup>42</sup> aiônico e cronológico é que a diferença passa. Quando a diferença encontra passagem é a própria linha de fuga ocorrendo. A linha de fuga vai desde cada ínfima diferenciação da diferença até seu estágio mais completo (diferencia-ça-do). A linha de fuga é sempre primeira em relação às outras duas. Ocorre que nem sempre as linhas de fuga encontram passagem e nem sempre que encontram passagem o fazem em acordo com o plano de consistência. A linha de fuga traz a diferença se diferenciando. É a mais potente e através dela os processos desejanter são atualizados pela diferença intensiva.

A principal característica da linha de fuga é fazer fugir um sistema como se estoura um cano<sup>43</sup>. Mas será que possuímos meios suficientes para fazer fugir um sistema? A que preço? Vimos que uma linha de fuga é sempre primeira e que o então novo atualiza-se conforme o processado pelas máquinas desejanter de cada caso. O que se passa em cada caso? Se não é a linha de fuga a que vem atualizar-se, certamente tal atualização é colocada

---

a torção entre poder e potência, feita por Deleuze em *Nietzsche e a Filosofia* (1962).

<sup>41</sup> MP, 1997, p.44

<sup>42</sup> Isso difere de individuação por instantes “efemeride”, que também é diferente de individuação por permanências ou durações.

<sup>43</sup> MP, 1996, p. 72;

a serviço dos estratos já dados.

## 2.5 – Estratos, meios, juízos e caos: uma trajetória pela consistência

Como funcionam os estratos? “Os estratos são liames, pinças” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 21) pinçam e unem, são fenômenos de acumulação, que vedam a emergência do novo com a imposição de formas e funções. Os estratos possuem três apresentações marcantes: subjetivação, significância e organismo, eles são fortes responsáveis pelos bloqueios impostos às linhas de fuga, podem organizar previamente uma linha que outrora foi de fuga, precipitá-la com rapidez letal, vedar a emergência do novo, impor uma organização precedente ou ainda fazer a vida se preservar e funcionar de acordo com o plano de consistência. Passamos pelo estrato de subjetivação quando vimos anteriormente a distinção entre o “eu” particularista com estratificação longitudinal e a heciedade, também vimos funcionar o estrato de subjetivação na distinção da própria infância, da infância de mundo.

Cada estrato possui sua característica. O estrato de significância é claramente exposto por Gilles Deleuze, Félix Guattari, Claire Parnet e André Scala, quando estes tratam do sufocamento do desejo da criança e da impossibilitação de que o desejo encontre um “meio” para funcionar. Passaremos brevemente por tal estrato, através de um “caso clínico” em Freud<sup>44</sup> - *O pequeno Hans* – através do qual veremos também como funciona um meio.

Hanz reivindicava sair do apartamento da família, passar a noite na vizinha e regressar na manhã seguinte, o imóvel dos vizinhos aparece como meio. A reivindicação

---

<sup>44</sup> Neste caso específico Deleuze, Guattari, Parnet e Scala escrevem em crítica ao texto: *O “Pequeno Hans”* de 1909, presente nas obras completas de Freud.

também poderia ser a de “sair do imóvel para ir ao restaurante encontrar a menininha rica, passando pelo entreposto de cavalos – a rua aparece como meio” (DELEUZE, 1997, p. 73). Com Deleuze e Guattari (1995) vemos que os meios são os corpos através dos quais a produção desejante segue seu curso de efetivação, assim não há distinção entre natureza e indústria, meios naturais e artificiais, todos são meios. É através deles que os fluxos desejantes ganham agilidade. No processo de desejar está um emaranhado de linhas<sup>45</sup> que “não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 36). “Um meio é feito de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 73). “É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 37). Os próprios pais são meios que a criança percorre e traça mapas de suas qualidades e potências. Se os pais tomam a forma pessoal e parental é apenas como representantes de um meio em outro, a criança está em vários meios ao mesmo tempo e não se limita primeiro ao meio *pais*, para depois chegar a outros por extensão, tudo ocorre em simultaneidade. O inconsciente traça outras coordenadas muito além de pai e mãe nos investimentos da criança. Em todo momento a criança está submersa em um meio atual que percorre e

os pais como pessoas só desempenhem a função de abridores ou fechadores de portas, guardas de limiares, conectores ou desconectores de zonas. Os pais estão sempre em posição num mundo que não deriva deles (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 73-74).

No estrato de significância<sup>46</sup> o desejar é atribuído a objetos e pessoas. A efetivação de um processo desejante é precipitada em nome de formas e finalidades. Nos estratos, os

---

<sup>45</sup> Aqui Deleuze e Guattari falam do rizoma. Especificamente nesta dissertação preferimos não usar o conceito e sim distinguir as linhas por suas funcionalidades, no intento de evitar possíveis compreensões dialéticas entre rizoma e árvore, ou mesmo compreensões dogmáticas e excludentes.

<sup>46</sup> MP, 1997, p. 75 e DELEUZE, G; PARNET, Claire; SCALA, André. L'interprétation des énoncés. In \_\_\_\_: *Deux Régimes de Fous*. Org. LAPOUJADE, David. Paris: Minit. 2003, p. 80.

meios são postos como terrenos que conservam, identificam e autenticam memórias, comemorações e monumentos. Na ocasião em que Freud<sup>47</sup> entendeu um desejo de Hans circunscrito unicamente à família, não pode estar atento ao desejo que atravessa necessariamente outros meios além de papai e mamãe. Freud e a família do pequeno Hans atribuíram um significado às afecções que Hans encontrou ao deparar-se com um cavalo, quando este exprimiu graus variados de potência de afetar e ser afetado, carregamentos e descarregamentos de cargas. Bobagem e fobia foram os nomes dados em referência aos graus da potência de afecção de Hans em relação ao cavalo. Relatando o caso Hans, Freud afirma que “a razão por que ele tinha então medo de cavalo se explicava por ele haver se interessado muito por seus pipis” (FREUD, 1909, p. 17) e disse a Hans “Você sabe que, se não puser mais a mão no seu pipi, você logo vai ficar bom dessa sua bobagem” (p. 19). Hans tinha muito interesse por faz-pipis, mas o que estava em questão para Hans era a funcionalidade, a máquina-órgão que faz pipi. Quando disseram para Hans que as meninas não possuíam faz-pipi ele questionou “mas então como é que as meninas fazem pipi, se elas não têm pipi?” (FREUD, 1909, p. 19). *A interpretação dos enunciados*<sup>48</sup> faz notar como as crianças<sup>49</sup> são impossibilitadas de encontrar meios de sair dos estratos, elas são “*espancadas*” antes e têm seus “n” sexos roubados em função de uma enormidade de significâncias, que marcam um máximo de interpretação e traição em relação ao que elas dizem.

O meio pode atuar para a saída dos estratos. O meio funciona como um terreno e é

---

<sup>47</sup> FREUD, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In\_\_\_\_: *O Pequeno Hans e o Homem dos Ratos*. Obras Completas. Trad. SALOMÃO, J. Vol X. Imago, 1909.

<sup>48</sup> Gilles Deleuze (com Félix Guattari, Claire Parnet, André Scala), "L'Interprétation des énoncés", em *Psychanalyse et politique*, Alençon, Biubliothèque des mots perdus, 1977, p. 18-33. Republicado como texto nº 9, In\_\_\_\_: *Deux régimes de fous* - textes et entretiens 1975-1995. Edição preparada por David Lapoujade, Paris, Minuit, 2003, p. 80-103.

<sup>49</sup> Hans, Richard e Agnes.

através dele que as partículas descodificadas podem saltar. Um código “é a condição que torna possível uma explicação” (DELEUZE e GUATTARI, 1995b, p. 10). Encontramos fragmentos descodificados quando não há possibilidade de explicações. Se encontrar os fragmentos descodificados não é tarefa das mais simples, isto se dá certamente pela ação de um outro estrato: o organismo. Ele persegue os fragmentos e faz de tudo para impedi-los de existir, religa-os em organizações prévias, organiza os órgãos de tal maneira que o corpo seja impedido de se compor. “*O corpo é o corpo. Ele é sozinho. E não tem necessidade de órgãos. O corpo nunca é um organismo. Os organismos são os inimigos do corpo*” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 21). O organismo se sustenta dobrando um órgão sobre outro, tem uma aversão ao infinito. O organismo persegue o novo em suas virtualidades e faz de tudo para aniquilá-lo, não suporta a generosidade dos meios na distribuição de fragmentos descodificados, não quer e não suporta a criação, reorganiza as virtualidades atualizando-as em organizações prévias, pois necessita disso. Um organismo tem uma aversão ao infinitivo. Já o corpo do território é o próprio meio do infinitivo. O território ultrapassa o organismo e povoa-se dos mais variados tipos de fragmentos descodificados que saltam dos meios. O território é confundido com os estratos, quando neles faz-se passar antes um organismo. Os estratos roubam o território, perseguem-no, ameaçam-no, colam os fragmentos descodificados em significâncias prévias.

Os estratos tem mania de número um, querem sempre chegar antes que um novo corpo se instale. Não se confundirá estratos com territórios, todavia “nós não paramos de ser estratificados” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 20), sempre há um estrato engatado em outro. Viemos tratando dos estratos em seu limiar mais impotente na relação com a vida, em sua apresentação por concreções extremamente endurecidas. Mas nem só de impotência vive um estrato, há um aspecto dos estratos que se faz necessário à vida, há uma

zona de estratificação que se compõe com a criação de um território de existência. Qualquer desestratificação brutal precipita uma vida na demência, na catástrofe, traz um genocídio das virtualidades e um amplo risco de morte. A desestratificação brutal faz girar no vazio. Antes permanecer ainda sujeitado, organizado e significado do empreitar um lançamento movido por violenta imprudência em direção ao suicídio. É necessário viver, para de dentro dos estratos arrancar suas lascas. O que resta é em cada provisoriedade fazer de um estrato um território, habitar um estrato, compor o estratificado com o novo.

São muitos os elementos, linhas, tempos, velocidades, acelerações, concreções extremadas e ínfimas partículas soltas que se organizam e desorganizam. Ao se rachar o estratificado e compô-lo com outras partículas, uma consistência pode aparecer inclusive para dismantelar os estratos em seu grau mais sedentário: o juízo. Este só se forma devido a cortes e uniões de partes coladas em violento utilitarismo, em desserviço ao plano de consistência, quebrando-o em nome de um totalitarismo julgador, também por chamado por Deleuze de o *juízo de deus*. Em *Para dar um fim ao juízo*, Deleuze (1997) mostra que da tragédia grega à filosofia moderna houve elaboração e desenvolvimento de toda uma doutrina do julgamento que se inicia nos gregos com a instauração de um tribunal na tragédia, chegando até a consolidação de um fantástico tribunal subjetivo<sup>50</sup>. Se erigiram julgamentos que remetem às pessoas, posses, objetos, singularidades, espécies, partes, extensões, etc, enviados até a consciência de dívida com a divindade<sup>51</sup>. Dívida que se torna infinita e impagável, na qual o homem apela para o juízo, julga e é julgado, numa condição que prima por trazer o infinito da dívida e a imortalidade da existência, ambos remetendo-

---

<sup>50</sup>Conforme referido texto em CC (1993), com o Kant de “crítica ao juízo”. Na ruptura a tradição judicativa Espinosa aparece como guia e encontra quatro discípulos potentes em Nietzsche, Lawrence, Kafka e Artaud.

<sup>51</sup> Como anunciado por Nietzsche, de acordo com:

DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

se um ao outro. Na relação de dívida com a divindade, a doutrina do juízo quer e precisa julgar, impõe e infinitiza o poder de julgar, exasperando os segmentos ao máximo de suas estratificações, concrecionando-os em contáveis, previsíveis e julgáveis. A doutrina do juízo se assenta em uma suposta relação direta entre “a existência e o infinito e na *ordem* do tempo” (DELEUZE, 1997, p.144).

Se em uma ponta do processo temos as concreções organizativas, os juízos de deus que se arrogam os predicativos do divino<sup>52</sup>, expressos de diversas maneiras universalizantes nos estratos, em outra ponta temos o caos. O caos<sup>53</sup> define-se mais pela velocidade infinita com a qual se esvai toda forma nele esboçada do que por sua desordem. O vazio do caos não é um nada. O vazio do caos é um virtual que contém todas as partículas possíveis e suscita todas as formas possíveis, para que assim que elas surjam desapareçam de imediato. O caos porta uma velocidade infinita de nascimento e de dissipação sem consistência, referência ou consequência. Há no caos um real que não é atual. Vimos que existem diversas maneiras existentes de real quando nos atentamos ao processo de *indi-diferenciação*. O caos é mais um desses componentes. Nele todo e qualquer real aparece e desaparece de maneira veloz. O caos funciona indiferenciado. O oposto do caos é a organização, os estratos e até a sua forma mais terrível: o juízo de deus. Se procurarmos garantias de asserção em qualquer estágio do processo, nada encontraremos. Caos, virtualizações, virtual, atualizações, atual, estratos e até mesmo o juízo de deus e etc, são todos reais e são todos elementos de longitude, mas essa mesma realidade que é caos, é virtualização, é real virtual, é atualização, é real atual, é estrato e é juízo de deus, etc, é também latitude, são todos reais. Além das individuações e suas longitudes o que diferencia

---

<sup>52</sup> NPH,1976, p.127-136.

<sup>53</sup> Tal definição de caos está presente em QPh?,1992, p. 153, 259-279.

cada longitude é sua latitude e as composições de longitudes e latitudes variáveis, em relação com outras longitudes e latitudes. Cada latitude é também um elemento de *diferencia-ça-ção* em relação às longitudes com as quais se relaciona. Não há elemento que sozinho seja salvador, não apreenderemos os elementos de todo um processo de *indiferencia-ça-ção*<sup>54</sup> à maneira judicativa.

Como encontrar meios de combater o juízo de deus?<sup>55</sup> Essa é uma tarefa para criar uma cartografia. Tentaremos ouvir *O que as crianças dizem* ou calam. E as crianças não param de dizer o que fazem ou tentam fazer, elas exploram os meios, propõem trajetos dinâmicos e traçam o mapa correspondente. Uma cartografia ouve das crianças um novo entendimento de libido. Libido que tem unicamente trajetórias histórico-mundiais e apresenta seus investimentos de uma nova maneira: pelo artigo indefinido um, uma, alguns, algumas, como especificação de um trajeto ou qualificação de um devir, por um corpo ou um órgão enquanto poder de afetar e ser afetado, por personagens que impedem ou favorecem a efetivação dos fluxos de desejo. A efervescência desejosa funciona por toda parte, não tem sujeito ou objeto, é feita de matérias, datas e velocidades muito diversas, acoplamentos, conexões, fluxos e cortes de fluxos. “Isso funciona em toda parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode. Mas que erro ter dito *o* isso” (DELEUZE e GUATTARI, 1972, p. 07-08). Os indefinidos não são resultantes de defesas da consciência, são simplesmente indefinidos mesmo. São indefinidos porque não há pessoas e posses a serem reencontradas. “O indefinido não carece de nada, sobretudo de determinação” (DELEUZE, 1997, p. 77).

---

<sup>54</sup> No original e na trad. br., a grafia de indiferencia-ção ID (1967) bifurca.

<sup>55</sup> No desmantelamento da doutrina do juízo, articulamos tal noção de *Para dar um fim ao Juízo* com a noção de mapeamento de trajetos e afectos de *O que as crianças dizem*, ambos de CC (1997, p. 74-77, 143) e amparamos essas noções à questão de *Como Criar para si um Corpo Sem Órgãos* presente na efetivação de uma cartografia MP, 1996, p. 09-30.

Quem precisa da definição de pessoas, posses e objetos é - além do estrato em sua manifestação “*po tente*” - certo aspecto da condição do juízo, que quer e precisa julgar, pois desta maneira impõe e infinitiza seu poder ao rogar uma tríplice maldição sobre o desejo: dita a lei negativa, diz que o desejo é falta numa impagabilidade interior e corrobora a doutrina do juízo “você deve”: “falta, falta, falta, é a lei comum” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 15); dita a regra extrínseca ao relacionar o desejo com o prazer-descarga, com o sacrifício masturbatório que deverá calar e interromper o desejo para que este se descarregue do desejar; dita a “falta-de-gozo que é a vida” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 15), coloca a impossibilidade no Ideal e inscreve a impossibilidade no desejo em uma relação de falta interior, de regra exterior e de ideal superior (transcendente), sua língua é compromissada com veredditos.

Diferente dela é a língua das crianças<sup>56</sup>, que não tem compromisso de dívida com a divindade, seu compromisso é outro, com a potência do devir. E um indefinido é a própria potência do devir, a potência de um impessoal que nada tem de genérico, ao contrário, é a singularidade em seu mais alto grau. Ora, uma criança não se coloca diante de um tribunal, nela o que vive e faz viver são as marcas diretas dos seus encontros: potência de afetar e ser afetada, nessa potência a criança se coloca em ligação com o meio e faz dele um terreno sob o qual se erguerá um trajeto no mapa. No devir-cavalo de Hans há uma individuação do trajeto. Hans nos apresenta um caso geral de devir, no qual ele é arrastado na expressibilidade dos afectos pelos quais passava o cavalo, há uma consonância dos trajectos com a libido. Um trajeto se confunde tanto com o percurso de um meio, quanto com a individuação do próprio meio, refletida nesses que o percorrem. Um mapa é uma expressão

---

<sup>56</sup> Aqui seguimos com Deleuze (1997) em *Para dar um fim ao juízo* (p.145) e *O que as crianças dizem* (p.73-77).

de individuação entre percurso e percorrido e confunde-se com seu objeto na ocasião em que o próprio objeto é o movimento. Mapas de trajetos são indispensáveis à atividade psíquica, não devem, portanto ser compreendidos apenas em extensão, na relação com algum espaço constituído por trajetos. Também são mapas de intensidade e densidade, que exprimem inclusive o que preenche o espaço e subtende o trajeto. O mapa dos trajetos não é uma derivação da imobilidade em sua extensão memorial, comemorativa, monumental, de identificação, pessoal, objetual, etc. Não se deve interpretar para reencontrar pessoas e posses; ao contrário, o mapa dos trajetos se faz “ao-no” deslocar, por uma articulação que se funde com a invenção de caminhos sem memória.

## **2.6 – Agenciamento de mapas e linhas para uma cartografia**

Qualquer agenciamento é de início territorial. Com os agenciamentos disponíveis encontramos meios de selecionar o que entra no plano, este plano é o tracejar de um mapa. Nele, temos três linhas guias: a linha de fuga (ou de ruptura, não segmentar, abstrata, sempre primeira, mortal e viva), a linha de segmentação maleável (e molecular ou de fissura molecular) e a linha de segmentaridade dura (de corte, ou molar); que a partir das circunstâncias, tendem para a longitude, para o molar, para o que se passa no corpo a ser cartografado, ou para a latitude, para o molecular, para como criar uma cartografia<sup>57</sup>. A cada caso e momento as linhas tendem para os estratos, para o caos, ou já para o plano de consistência.

Em um caso qualquer há linhas que se tecem, embaraçam, soltam, esgarçam, rompem. Linhas que se articulam e se segmentam, territorialidades, movimentos. Há

---

<sup>57</sup> Aqui trabalhamos com *Como criar para si um corpo sem órgãos?*, As linhas em *Três novelas ou “o que se passou?”* de MP, 1996 e a noção de plano de consistência presente em *O vocabulário de Gilles Deleuze*, de François Zourabichville, 2004.

velocidades relativas de escoamento das linhas, fenômenos que nelas acarretam retardamentos, viscosidades, ou precipitação e ruptura. Um caso qualquer é necessariamente uma multiplicidade. Não se sabe exatamente o que esse múltiplo implica quando ele reivindica o que é seu de direito, quando deixa de ser atribuível ao seu falso “o isso” e pode, em suma, ser elevado ao estado de substantivo, flexionável e classificável, apenas de acordo com suas latitudes e longitudes, com todo emaranhado das linhas em questão.

As linhas atravessam os indivíduos, grupos e sociedades e é nestas linhas em composições diversas que a criação de uma cartografia incide. Essa prática participa ativamente do traçado das linhas, enfrenta suas variações e perigos, com uma aplicação que não encontra restrições e destaca linhas que podem ser tanto de uma obra literária, como de uma obra de arte, de uma sociedade, de uma vida e de “n” individuações. Os lineamentos operam nos estratos, nos devires e intensidades, produtos e produtores de desejo. Através das linhas de fuga, com seus picos de criação por eclosão desejosa, podem lançar o agenciamento anterior a outro novo.

O pequeno Hans, como vimos anteriormente, faz uma lista territorial dos meios que precisará percorrer para efetivar o seu plano de visitar a vizinha: o apartamento da família, o imóvel dos vizinhos, o entreposto de cavalos, a rua, etc. Ele faz um plano, traça um mapa, segmento por segmento, conforme agencia o que encontra disponível. Os agenciamentos distinguem-se dos estratos<sup>58</sup> e são compostos neles, são criados em conformidade com fragmentos descodificados, com zonas descodificadas que saltam dos meios, são os responsáveis pela constituição de um território. Desde a formação de um território o

---

<sup>58</sup> Utilizamos a noção de agenciamento presente em MP, 1997b, p. 193, através da compilação didática feita por ZOURABICHVILLI, 2004, p. 09.

agenciamento adquire outro valor, “um valor de propriedade”, com seus fluxos e segmentos. Essa territorialidade do agenciamento há de ser cartografada, primeiro através dos estratos, na distinção entre conteúdo e expressão e logo em seguida, em suas latitudes e longitudes, desterritorializações relativas e absolutas.

As desterritorializações relativas<sup>59</sup> podem ser negativas ou positivas. A segmentaridade maleável funciona por meio de desterritorializações relativas – ex. Hans fazendo planos para ir à casa da vizinha – essa segmentaridade permite reterritorializações que bloqueiam e remetem para a linha dura. Nas desterritorializações relativas negativas há um bloqueio das linhas de fuga, a desterritorialização é redobrada por uma reterritorialização feita sobre longitudes (pessoas, objetos, significados, aparelho de Estado) e a linha de fuga se segmenta e endurece, conforme vimos com a reterritorialização da produção desejosa de Hans no estrato de significação.

Nas desterritorializações relativas positivas também há reterritorializações, mas reterritorializações não-organísmicas, que ocupam na desterritorialização um papel secundário, neste caso a linha ‘de fuga’ passa a ser uma linha segmentada, molecular, que ora pende para longitude, ora para a latitude, em “processos sucessivos”, com continuidade segmentada dos fluxos desejantes – ex. os planos e listas de Hans interceptados pelos adultos-. Em suas sucessões, a linha molecular corre o risco de cair fora do plano de consistência, por exemplo, quando desemboca nos signos subjetivos passionais e conscienciosos. As desterritorializações relativas não apresentam evolução entre a negativa e a positiva. A positiva pode tanto escapar quanto conduzir à negativa e as duas ainda podem reterritorializar um conjunto vedando a linha de fuga. Ambígua, a linha de segmentaridade maleável fica presa entre as linhas de segmentaridade dura e as linhas de

---

<sup>59</sup> MP, 1997, p. 197.

fuga e pronta para tombar para um lado ou para outro.

Em uma desterritorialização relativa positiva o pequeno Hans faz o mapa de um cavalo ao listar afectos ativos e passivos: “possuir um grande faz-pipi, arrastar cargas pesadas, ter viseiras, morder, cair, ser chicoteado, fazer charivari com suas patas” (DELEUZE, 1997, p. 76). Nessa distribuição de afectos, o faz-pipi desempenha uma função de transformador na constituição de um mapa de intensidade. Quando se faz um mapeamento, uma constelação afectiva é listada. Cada mapa é uma redistribuição de impasses, aberturas, limiars e clausuras. No mapa das intensidades Hans lista os afectos. “Uma lista de afectos ou constelação, um mapa intensivo, é um devir... O devir é o que subtende o trajeto, como as forças intensivas subtendem as forças motrizes” (DELEUZE, 1997, p. 77). O mapa de intensidades redistribui os afectos, suas ligações, sua capacidade de impregnação e constitui cada vez uma imagem do corpo que se esboça, imagem esta transformável em função das constelações afectivas que as determinam.

O tracejar de um mapa se faz sempre em agenciamento, as crianças nos ensinam a fazer mapeamentos por latitudes e longitudes, ao mesmo tempo em que passeiam pelos estratos e estão sensíveis às intensidades. Um agenciamento qualquer se mostra indissociável de agenciamentos remanejáveis e variáveis, que não cessam de produzir existência. Sobre um agenciamento se faz um mapa e se faz um mapa em agenciamento.

“O agenciamento é recriado no mapear de território, em uma “casa”, “bairro”, há uma ultrapassagem do meio, do organismo e da relação entre eles, há uma ultrapassagem de “bairro”, de “casa” e de suas relações de vizinhança. Um agenciamento só permite distinguir conteúdo de expressão, identificar suas distinções e descrever fragmento por fragmento os engates de um no outro, no nível dos estratos. Conteúdo e expressão precisarão ser encontrados e distintos também em relação a haver ou não pressuposição

recíproca entre eles. Em um agenciamento sempre haverá fragmentos descodificados. Nem sempre será possível distinguir conteúdo de expressão, nem a pressuposição recíproca entre eles. Esta é a distinção entre agenciamentos e estratos - os agenciamentos extrapolam conteúdo e expressão, de um lado transbordam a expressão com um sistema semiótico de fragmentos descodificados que saltam dos meios e, de outro transbordam o conteúdo com um sistema pragmático de ações e paixões - ou dito de outro modo, o território do conteúdo e da expressão é a terra de um estrato e o transbordamento de conteúdo e expressão é a desterritorialização do estrato, o agenciamento envolve território e desterritorialização de estratos.

Vimos que os agenciamentos se distinguem dos estratos e eles também se desdobram em dois: o agenciamento maquínico, o “o que se faz”, para o que transborda o conteúdo e o agenciamento de enunciação, o “o que se diz”, para o que transborda a expressão. E o que se faz e o que se diz encontram seus territórios e suas desterritorializações. Em um percurso nos deparamos com “o que se passa?”, no mapeamento dos trajectos, nosso movimento se faz entre paisagens, rostos, encontros de corpos. Os agenciamentos maquínico e de enunciação se dão sempre no transbordamento de conteúdo e expressão. O conceito de agenciamento inclui quatro pontas do processo: conteúdo e expressão, território e desterritorialização.

Nenhum território se separa de suas agitações internas, das desterritorializações relativas, devido a alguma itinerância da territorialidade, ou a alguma abertura do agenciamento territorial para novos agenciamentos. Uma desterritorialização qualquer é inseparável de reterritorializações, é sempre múltipla e composta, a um só tempo participa de uma diversidade de formas e converge movimentos e velocidades distintas que, de acordo com um ou outro momento marcam um “desterritorializado” e um

“desterritorializante”. Isso ocorre porque as reterritorializações não são um retorno ao território, mas relações diferenciais interiores à própria desterritorialização. A linha de fuga não é uma, mas uma multiplicidade substantiva preenchida por desterritorializados e desterritorializantes. **A terra não é o contrário da desterritorialização. A própria terra quando desterritorializada é o estrito correlato da desterritorialização.** Quando a desterritorialização extrapola uma reterritorialização e é criadora de uma nova terra, de um novo universo, então ela é uma desterritorialização absoluta. Absoluta aqui não quer dizer indiferenciada, nem que há uma quantidade absoluta que ultrapassaria as anteriores relativas, absoluto aqui diz unicamente de uma diferença de movimento. Um movimento é relativo quando, quaisquer que forem suas quantidades e velocidades, relaciona um corpo entendido como Uno a um espaço, para o qual há medidas e movimentos em função de ocupá-lo, há um procedimento por retas virtuais, a relação com o espaço parte desse corpo e é medida, cronometrada, em função da ocupação espacial. Esse tipo de movimento atinge unicamente desterritorializações relativas. O movimento absoluto relaciona um corpo já considerado em suas latitudes e longitudes - em sua multiplicidade substantiva - a um espaço que este corpo ocupa, sem medições anteriores, ou seja, as medidas e movimentos não são feitos em função de ocupar o espaço, mas é a própria relação do corpo com o movimento que traz a ocupação do espaço, o movimento toma o espaço, afeta o espaço com seus turbilhonamentos, contagia o espaço com intensidades, é a própria efetivação do processo que faz o espaço. O movimento se estende em um espaço que cria a partir de si uma nova terra.

Quando atingem certa zona autônoma, os agenciamentos maquínicos “o que se faz” e os agenciamentos de enunciação “o que se diz” se dão sempre em transbordamentos, são

duplamente articulados em uma correspondência que se dá em *a-paralelismo*<sup>60</sup> simultâneo. Entre o agenciamento de enunciação e o agenciamento maquínico, estabelece-se uma nova relação, os enunciados expressam “transformações incorporais” que se referem como nomes próprios, aos corpos, conteúdos, matérias. Aparece então uma zona autônoma de *transformações “incorporais”* enunciadas pelas expressões que formam regimes de descodificações – signos que fazem pensar<sup>61</sup> - e que são atribuídas aos conteúdos pragmáticos dos corpos. Nessa zona autônoma o como criar uma cartografia se instala. Antes, nos estratos, nas longitudes, nem as expressões se descodificavam e formavam signos, nem os conteúdos se abriam formando novos fazeres, pragmáticas/os, razão pela qual não aparecia essa zona autônoma de transformações incorporais exprimidas pelas latitudes e atribuídas às longitudes. Enquanto os agencia-mentos permaneciam submetidos à distinção única de conteúdo e expressão, continuavam pertencendo aos estratos, e pode-se considerar que os regimes de signos, os sistemas pragmáticos, constituam, por sua vez, novos estratos, mas agora em sentido mais amplo que o tratado anteriormente. Desde que a distinção conteúdo-expressão toma uma nova composição, encontramos-nos já, em sentido estrito, num outro elemento que não o dos estratos. Isso se dá, pois, quando uma nova composição se agencia, passamos necessariamente pelo remanejamento dos mapas em relação ao agenciamento anterior, atualizando novos conteúdos e expressões. Em suas latitudes e longitudes os agenciamentos passam por uma variabilidade de *indi-diferencia-ções*, que se atualizam conforme uma linha se compõe com outra e relança o mapa para uma nova composição.<sup>62</sup>

---

<sup>60</sup> No sentido do que vimos com a evolução a-paralela.

<sup>61</sup> Conforme noção de signo presente em: DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 2 ed. trad. PIQUET, Antônio e MACHADO, Roberto. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

<sup>62</sup> Neste parágrafo nos valem de *QPh?* p. 193 ( trad. br.), com a noção de agenciamento já vista nesta

Neste mesmo percurso nos colocamos diante da necessidade de criar meios. Meios que são sempre múltiplos: quando se escapa aos estratos não há fixidez objetiva nem pessoal, mas corpos com um grau de potência mais ou menos compatível para cada situação. Nos encontros de corpos, quando nos deparamos com variações da potência de afetar e ser afetado, com seus graus mínimos e máximos, com as intensidades e devires, estamos mapeando os afectos. Perguntaremos em cada caso: o que é componível? Como deixar os elementos “à vontade”? Por onde os fluxos passam e por onde haverá necessidade de desvios para escapar aos bloqueios?<sup>63</sup> Quando se agencia um mapa na criação de uma cartografia, há um trabalho com os lineamentos que atravessam os mapas e atuam em suas superposições com latitudes e longitudes, trajetos e devires. Não se trata, por exemplo, de interpretar os cristais de inconsciente. Como não há um afundamento (de cima para baixo) em pessoas e objetos, a tarefa é a de detectar por onde passam as trajetórias de um cristal de inconsciente, para ver se elas estão suficientemente dispostas para indicar novos universos de referência, tracionados necessariamente de baixo para cima e cada vez mais tendendo à superfície, ou seja, a tarefa é a de verificar se as trajetórias dos devires são capazes de adquirir o suficiente de consistência para revirar uma situação:

... um devir não é imaginário, assim como uma viagem não é real. É o devir que faz, do mínimo trajeto ou mesmo de uma imobilidade no mesmo lugar, uma viagem; e é o trajeto que faz do imaginário um devir. Os dois mapas, dos trajetos e afectos remetem um ao outro (DELEUZE, 1997, p. 77).

Um devir mostra que não se pode perder a relação do inconsciente com as forças<sup>64</sup>.

Nelas há saídas, meios, passagens e regressos. Nas trajetórias histórico-mundiais da libido,

---

dissertação, a ideia de devir comentada anteriormente, a segunda nota de rodapé de ID e as noções de “o que se passa” e de “como criar?”, presentes em *Como criar para si um corpo sem órgãos?*.

<sup>63</sup> Para a noção dos duplos na linha molecular consultar: *1874 - Três novelas ou “o que se passou?”* Em MP, 1996.

<sup>64</sup> Deleuze e Guattari trabalham a noção de força em proximidade com a teoria das forças de Nietzsche, nessa noção sempre há uma relação com o fora.

real e imaginário não formam uma distinção pertinente. Notemos que quando fala de imaginário e real, o Deleuze de CC traz uma diferença linguageira em relação à ideia de virtual e atual, que vimos com o Deleuze de ID. Quando ele fala em real, refere-se ao diferenciado e quando fala em imaginário refere-se ao diferenciado, todavia ao pensarmos as trajetórias da libido, levamos sempre em consideração um trânsito gago dos lineamentos e uma *indi-diferencia-ça-ção* que percorre os mapas em diversas potências de afetar e ser afetado.

Na língua de *O que as crianças dizem*, uma viagem real precisa de força suficiente para refletir-se na imaginação e uma viagem imaginária não tem sozinha força para ser verificada no real. Imaginário e real são, portanto, duas faces distintas e contíguas que não param de intercambiar-se numa mesma trajetória histórico-mundial da libido. “No limite, o imaginário é uma viagem virtual que se cola ao objeto real, e inversamente para constituir um cristal de inconsciente” (DELEUZE, 1997, p. 75), no limite um cristal de inconsciente ocorre quando o real é uma viagem (paisagem) atual que se cola ao objeto virtual. “É nos cristais de inconsciente que se vêem as trajetórias da libido” (DELEUZE, 1997, p.75). O que “se vê” é feito dessa contiguidade, dessa aderência entre real atual e real virtual, e real virtual e real atual. Não é suficiente “que o objeto real, que a paisagem real evoque imagens semelhantes ou vizinhas” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 75). É preciso que o objeto real atual emita *sua própria* imagem virtual, e em simultaneidade, que esta imagem virtual própria, então como paisagem imaginária, se faça entrar no real atual conforme uma sequência, na qual real atual e real virtual e real virtual e real atual, persigam-se e intercabiem-se.

Um traço intensivo começa a adquirir certa autonomia e age por conta própria, alguma sinestesia, uma percepção alucinatória, uma mutação perversa, algum jogo de

imagens que se destaca e coloca em questão a hegemonia do significante. Um acontecimento microscópico abala o poderio local e, em semióticas gestuais, mímicas e lúdicas, retoma sua liberdade de criança (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p, 25). O real e o imaginário carecem de superação e precisam entrar em estado de trocas: “qual ser amado não envolve paisagens, continentes e populações mais ou menos conhecidos, mais ou menos imaginários?” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 74). Real e imaginário, virtual e atual produzem hastes e filamentos que fazem a conexão entre um e outro, essas conexões parecem raízes, mas mais que isso, são linhas virtuais e atuais nas quais umas se conectam com o já estável da outra, linhas que se interpenetram, se desestabilizam e que subterrâneas, continuam a insistir em múltiplas entradas e saídas <sup>65</sup>.

É trabalhando na diferenciação e atualização das linhas no plano de consistência que se cria uma cartografia. Traçar o plano de consistência, remanejar os mapas de trajectos de desejo e intensidades, de maneira a romper com o máximo da doutrina do juízo em cada caso, procurar as composições mais potentes para cada linha, trabalhar a necessidade no remanejamento de cada fluxo de desejo e/ou de cada segmento à maneira de um agrimensor: “não se faz as coisas com pancadas de martelo, mas com uma lima muito fina” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 20). Lima-se a doutrina do juízo com um querer-viver de bebês: indomável, cabeçudo, que em sua pequenez concentra forças suficientes para arrebentar paralelepípedos. Bebê com o qual não se tem mais nenhuma relação pessoal orgânica, mas afetiva, vital e impessoal. Um atletismo de potência em que o funcionamento de cada linha tracejada nos mapas é acompanhada de seus perigos, as linhas são compostas em combate permanente: “inventam-se autodestruições que não se confundem com a pulsão de morte” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 21), mas desfazem as concreções,

---

<sup>65</sup> MP, 1995, p. 21-25; 1996, p. 19-21; CC, 1997, p.151

trabalham nos esboços e nos remanejamentos de mapas que vão simultaneamente esfacelando alguns dos estratos dados.

Cada um de nós arca com grandes agenciamentos sociais definidos por códigos específicos, caracterizados por uma forma relativamente estável e um funcionamento reprodutor. Há uma tendência de reduzir o próprio campo de experimentação desejante a uma divisão preestabelecida, ao pólo molar, ao estratificado dos agenciamentos; de outro lado, o modo como o indivíduo investe e participa da reprodução desses agenciamentos sociais é conseqüência de agenciamentos locais, moleculares, nos quais ele próprio é pego, seja por limitar-se a efetuar formas socialmente disponíveis e modelar sua existência conforme os códigos em vigor - nos quais introduz sua pequena irregularidade -; seja porque opera por elaborações involuntárias e tateamentos que “descodificam” e põe a “fugir” o molar do agenciamento. Há diversas combinações das linhas: a de fuga de alguém pode não favorecer a de outro e inclusive barrá-las e interdité-las, lançando esse outro ainda mais em uma segmentaridade dura. Por exemplo: a linha de fuga de interpretação freudiana lançou o pequeno Hans ainda mais numa segmentaridade dura. Uma linha criadora de alguém pode ser o aprisionamento do outro. Sempre há um problema de consistência de uma linha com outra, mesmo que elas sejam do mesmo gênero. Duas linhas de fuga não são necessariamente compatíveis<sup>66</sup>, isso é facilmente visível em relacionamentos ditos amorosos.

## **2.7– Agenciar os lineamentos para o/no plano de consistência**

Nenhuma linha isolada garante que haja consistência. Vimos que o agenciamento passa para outra composição quando o desdobramos em um agenciamento maquínico e um

---

<sup>66</sup> MP, 1996, p. 79

de enunciação, ao mesmo tempo em que estes são preenchidos por diversas linhas. Iremos nos deter um pouco mais nos perigos das linhas de desterritorialização de um agenciamento, componente necessário para criar uma cartografia. Nessa criação um novo agenciamento existe através do remanejamento dos mapas desejosos. Em cada mapa procede-se de maneira a buscar as composições mais potentes. Isso envolve a desterritorialização dos agenciamentos.

Eis que há uma necessidade de compor em agenciamento, de experimentar quais os elementos mais componíveis, até que eles se relacionem de tal maneira que transborde, se for o caso, em uma desterritorialização absoluta. Há que se identificar o funcionamento das linhas que atravessam o corpo cartografado, quais longitudes elas indicam, seus segmentos: as famílias, os amigos, os vizinhos, os falantes, a máquina binária de par - seja ele unido ou separado – suas medidas, os cortes cronológicos, e as latitudes, os fluxos decorrentes daí na segmentaridade dura. Em que os duplos se atraem, os pares, os clandestinos e suas misturas, as multiplicações limites do que se pode suportar no estado de duplo, os subentendidos das mensagens internas, na segmentaridade maleável. Procuraremos pelas linhas que nos servirão de referência. No entrecruzamento das linhas, Deleuze e Guattari (1996, p. 73-79) salientam quatro problemáticas que ameaçam a consistência:

A primeira refere-se ao caráter particular de cada uma das linhas. Acredita-se que há determinação nos segmentos duros, que eles são pré-determinados socialmente, sobrecodificados pelo Estado; que a segmentaridade maleável trata-se de um exercício interior, imaginário e fantasioso; que a linha e fuga é a maneira pela qual um indivíduo foge de suas responsabilidades. Essas três primeiras impressões referentes às características distintivas das linhas são veementemente falsas. Nunca houve uma manipulação pela grande política, na qual seus conjuntos molares não passassem necessariamente por

infiltrações moleculares, que favorecessem ou obstaculizassem as instâncias colocadas em jogo.

Quanto maior o conjunto, maior a produtividade de sua molecularização. A segmentaridade maleável nada tem a ver com o imaginário de um eu particularista, tampouco uma micropolítica é menos extensiva e real que a macropolítica. As linhas de fuga nada tem de fugir do mundo, atuam sim em fazer o mundo fugir. Qualquer sistema social escapa pelas extremidades por mais que seus segmentos se endureçam para vedar as linhas de fuga. Uma linha de fuga nada tem de fantasioso ou simbólico, ela é o que há de mais ativo no animal, no homem e até mesmo na História. Em uma sociedade a cada instante algo foge, nessas linhas de fuga há uma busca de novas armas, que são inventadas em oposição às do Estado. As três linhas podem ser apresentadas em simultâneo por um grupo ou um indivíduo, embora com maior frequência um grupo ou indivíduo funcionem eles próprios como linha de fuga, mais por criá-la que seguí-la, eles são as armas vivas que forjam. “As linhas de fuga são realidades; são muito perigosas para as sociedades, embora estas não possam passar sem elas, e às vezes as preparem” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 79).

A segunda refere-se à importância respectiva das linhas. Uma entrada é partir da segmentaridade dura (é dado, é mais fácil), partimos dela e verificamos como ela é mais ou menos cortada por outros fluxos. Ou então em uma segmentaridade maleável, por alguma localização da ambiguidade das linhas imbricadas umas nas outras, que forças as tencionam e para onde. Em seguida verificamos as alianças, os combates e o acréscimo da linha de fuga. “É evidente que a linha de fuga não *vem depois*, está presente desde o início, mesmo se espera a sua hora e a explosão das outras duas” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 79). Outra entrada é já partir da linha de fuga no grau máximo de sua funcionalidade, a

desterritorialização absoluta, e observar os trajetos que ela percorre. “A função de desterritorialização: D é o movimento pelo qual ‘se’ abandona o território. É a operação da linha de fuga.” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 197). Uma desterritorialização absoluta não vem sozinha, ela preenche-se de outras desterritorializações relativas.

A terceira problemática dos lineamentos trata da imanência mútua das linhas. Não é fácil desenredá-las, cada uma trabalha no campo social e nas outras. A linha de segmentaridade maleável desfaz de modo incessante as concreções da linha de segmentaridade dura, porém restitui microfascismos, micro-Édipos, microformações de poder, tudo em seu nível. A linha de fuga é capaz de explodir as duas linhas segmentares, mas também é capaz do pior: de refazer os segmentos duros ao acaso dos desvios que dispara. Algo que esteriliza pode ser pior do que se não tivesse evadido. Nas diversas linhas há uma relação com o mistério: que toma a matéria de segredinho sujo entre os pares na linha de segmentaridade dura, de duplo na forma vazia do “o que aconteceu?” na linha segmentação maleável e, da clandestinidade do que já não pode mais acontecer na linha de fuga. Um segredo funciona como instância tentacular que ameaça fazer tudo balançar (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 80).

Muitas misturas e passagens trazem ainda a mais angustiante das problemáticas: a quarta, referente aos perigos próprios de cada linha. Do perigo da difícil modificação da linha de segmentaridade dura já há pouco o que dizer, da ambiguidade da segunda linha, idem. Mas do perigo da linha de fuga há o que dizer: apesar do risco de recair nas outras duas, ela comporta além de sua mensagem de alegria um desespero especial de algo a ameaçá-la no coração de seu empreendimento. No exato instante em que tudo se esclarece há uma demolição, uma morte. Do indubitável esforço feito na linha de fuga, algo se parte em seu empreendedor, mesmo sem ter empreendido algo acima de suas forças, um acidente

absurdo, um escorregão, um passo em falso o faz cair e aí o desvigor, curva, enfraquece, trazendo um homem novo, porém um triste criminoso, mas que “transporta ainda 'cinquenta quilos de amor'. Certamente, não há nada mais fácil nas linhas que nos compõem...”<sup>67</sup> (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 81). Fazer o impossível acontecer não é menos extenuante do que viver sob o juízo de deus e/ou vagando no caos.

A criação de uma cartografia procura sempre se fazer com consistência. É a consistência na experimentação com o novo, que permite desterritorializações prioritariamente relativas positivas e absolutas. O plano de consistência é o que permite conjugar os picos de desterritorialização de um agenciamento. É que estes picos de desterritorialização extrapolam em muito o conteúdo e a expressão. Sua conjugação em um único plano é traçada, nela entram todas as linhas, até que se formalizem os conteúdos e expressões e seus respectivos transbordamentos em agenciamento.

Um agenciamento de enunciação é insuficiente para conjugar os picos de desterritorialização. É que a linguagem, ao invés de ser muito abstrata, não é suficientemente abstrata para formar uma máquina conjugadora de picos de desterritorialização de um agenciamento. Já a máquina que pode fazer essa conjugação é a própria máquina abstrata<sup>68</sup>. Quando se atinge a máquina abstrata não existe mais qualquer oposição entre teoria e prática, a máquina abstrata é a máquina do plano de consistência. Já não há mais distinção real entre forma de expressão e forma de conteúdo. O plano de consistência só conhece pontas, traços materiais ainda de conteúdo e traços materiais ainda de expressões, que ao arrastar uns aos outros, confundem, alternam e colocam tudo em desterritorialização comum. Na máquina abstrata há uma formalização articulada entre

---

<sup>67</sup> Deleuze e Guattari em referência à leitura que Leon Chestov (*L'homme pris au piège*, 10-18, p. 83.) faz dos personagens das novelas de Tchekhov.

<sup>68</sup> MP, 1997, p. 99-101 e 2002, p. 193-4

“agenciamento maquínico” e “agenciamento de enunciação”.

O plano de consistência também acompanha o desestratificar e desterritorializar da própria máquina abstrata<sup>69</sup> que em si mesma não tem forma nem distingue conteúdo e expressão, ela rege de fora essa distinção e a redistribui nos estratos e territórios. O que há é uma tetralência do agenciamento que atua tanto em conteúdo e expressão, quanto em territorialidade e desterritorialização. A máquina abstrata opera por funções que não possuem funcionamento nos sinais de comunicação já formados, nem “semiótica” formada, nem matérias “fisicamente formadas”. “A máquina abstrata é pura Função-Matéria” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 99), contém apenas “traços” de conteúdo e de expressão, de tal maneira que já não podemos mais dizer se é uma partícula ou um signo, funciona unicamente para assegurar a conexão entre função e matéria. E ocorre quando não há senão funções e matérias. Aqui consideramos que matéria é uma substância não formada física e semioticamente, ela apresenta só graus de intensidade, de velocidade ou demora, de condutibilidade. É um conteúdo-matéria, e a função apenas assegura a conexão de traços de conteúdo com traços de expressão, tensionando-os. A máquina abstrata retém o máximo de desterritorialização seja de conteúdo, seja de expressão, para conjugá-los.

Esse máximo de desterritorialização conjugado pela máquina abstrata ora vem de conteúdo, ora de expressão e será ele o “desterritorializante” em relação ao outro, porque arrasta o outro e o leva consigo, diagramatizando-o e elevando-o à sua própria potência. O mais desterritorializado impele o outro a ultrapassar um limiar, conjugando sua desterritorialização e tornando uma precipitação comum possível. Essa é outra maneira de dizer da desterritorialização absoluta da máquina abstrata, definida por sua tetralência

---

<sup>69</sup> A máquina abstrata também é chamada por Deleuze e Guattari de diagrama em função de sua tetralência: conteúdo e expressão, território e desterritorialização.

(transbordamentos de conteúdo e expressão e território e desterritorialização), que funciona na construção de uma nova realidade por vir.<sup>70</sup> A máquina abstrata contém um real por vir, no momento em que constitui os pontos de criação ou potencialidade, funciona “antes” da História. A máquina abstrata opera extrações de expressão e conteúdo, *continuums* de intensidade, desterritorializações, tudo que foge e cria, antes passa por ela. É um Abstrato-Real absoluto, sem ficção nem transcendência; o que existem são tetravalências, diagramas e a cada vez que uma máquina abstrata singular funciona diretamente em uma matéria, traz nomes próprios.

### **Capítulo III: Uma cartografia e suas disciplinas**

#### **3.1 – Filosofias, Ciências e Artes: as disciplinas para uma cartografia**

Ao trabalharmos com uma ideia de cartografia, nosso intuito é o de compor linhas e elementos que delineiem um esboço funcional para a sustentação dos mapas. Operacionalizamos nosso intento de uma maneira um tanto linear para fins didáticos e iniciamos com o que poderíamos chamar de *conteúdo* da ideia de cartografia. Não obstante, para trazermos a *expressão* desta ideia, nos deparamos com o desconforto do indiferenciado ao tratar da questão da ideia de cartografia, nos afetamos pela necessidade da distinção desta ideia, que só poderá ser posteriormente atualizada em estrita ligação com o caso e em conformidade com suas coordenadas espaço-temporais. Procuramos trabalhar um infinitivar da diferença e nele o encontro com as disciplinas que funcionam como referência para a seleção de uma cartografia: Filosofias, Ciências e Artes.

Se o intuito é o de exprimir uma ideia de cartografia não bastaria dizer que: uma ideia de cartografia se dá na intersecção entre Filosofias, Ciências e Artes? Aqui isso não se

---

<sup>70</sup>MP 1997, p. 99-101 e ZOURABICVILLI, 2002, p. 194

aplicaria, pois dessa maneira propositiva um enunciado traz o grau mais territorializado do que se pretende exprimir, ou seja, comunica. Seu compromisso é com a linha dura da longitude e permanece estratificado. A matéria que trabalhamos aqui não se dá por levantamento essencialista, mas solicita a premência de um processo, a criação de um plano de consistência sem espaço para centralismos de um (ou três) significante(s) despótico(s). A ideia de cartografia chega como terreno para cada caso. E cada caso, quando imbricado à sua respectiva cartografia, encontra em suas linhas transversais, três mundos que funcionam como referência. A esses mundos, também podemos chamar de disciplinas, pois eles disciplinam o caos compondo-o com os estratos em um plano de consistência.

É o movimento da composição deste plano de uma ideia de cartografia, que nos fez passar pelo *O Anti-Édipo e Três Ecologias*, trouxe questões presentes em *Crítica e Clínica*, *O abecedário e Dois Regimes de Loucos*<sup>71</sup>, foi operado pelo *O método de dramatização*, e junto de *Mil Platôs* ofereceu uma ambiência conceitual para encontrar alguma consistência errante. Da aliança com caóticas às expressões codificadas houve um agenciamento entre conteúdo e expressão e, território e desterritorialização que, se em uma ponta encontra o caos e na outra chega aos predicativos do divino, é com as disciplinas essências de uma cartografia: Filosofia, Ciências e Artes, que adentra ao terreno da criação cartográfica por excelência. No plano de composição, essas disciplinas são colocadas de maneira horizontal, ou seja, embora estejam sempre relacionadas e neste ou naquele caso uma possa ser mais solicitada que outra, não há hierarquia de uma sobre a outra.

Em uma cartografia há uma superposição de mapas, um agenciamento realizado de tal maneira que cada mapa encontra nos seguintes um remanejamento, ao invés de encontrar uma origem nos mapas que o precedem “de um mapa a outro, não se trata de uma

---

<sup>71</sup> Referente ao Pequeno Hans.

origem, mas de uma avaliação dos deslocamentos” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 75). É a partir desse remanejamento e nessa seleção dos remanejamentos provenientes do que se passa sobre o corpo cartografado, que atuamos em seus lineamentos, em suas latitudes e longitudes, no real por vir, no antes da História e até adivinhamos o futuro quando captarmos o devir de algo que já havia acontecido anteriormente em alguma matéria molecular<sup>72</sup>.

Como criar uma cartografia? Pela operação que seleciona as matérias de acordo com o que Filosofias, Ciências e Artes tem a oferecer. Abordamos esta intersecção por meio de *O que é Filosofia?*, livro aqui utilizado como território conceitual para exprimir uma individuação da ideia de cartografia, se de alguma maneira mostra algum mal-estar generalizado na Filosofia e algum desencanto certamente caudatário da ruptura com os predicativos do divino, também expressa com Deleuze e Guattari “uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, e em que todas as peças da máquina se combinam...” (1992, p. 01). Se passamos pelas questões que passamos, isso se deu para não caracterizarmos uma ideia de cartografia sem antes esboçarmos alguns perigos dos quais podemos ficar reféns. Por exemplo, no caos a consistência vai para longe:

Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo, idéias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos... É por isso que queremos tanto agarrar-mo-nos a opiniões prontas. (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 256)

Mas não só no caos, certamente há também muita impregnação de tristeza nos juízos de deus e em quando nos expressamos através de algum deles pela via da opinião

---

<sup>72</sup> MP, 1996, p. 74

pronta. Quando temerosos da desestratificação brutal, da morte, de girar no vazio nos impedimos de ter qualquer experiência com o caótico. Para além do caos e juízos estratificados decorrentes dos predicativos do divino, solicitamos às nossas ideias que se encadeiem segundo um mínimo de constância. Associar ideias fornece isso, regras protetoras de semelhança, contiguidade, causalidade, que nos permitem passar de umas às outras segundo ordenadas espaço-temporais e afastam nossos delírios de atravessar todo o universo em um instante e nele arquitetar criaturas imaginárias fantásticas. Em estados de coisas ou coisas não haveria ordem nenhuma nas ideias, se também não houvesse um anti-caos objetivo com alguma ordem. No acordo entre coisas e pensamento é preciso uma testemunha, a sensação, que traz aos órgãos do corpo uma imposição do passado no presente. Com a sensação formamos uma opinião. Mas ciências, artes e filosofias exigem mais que isso, elas traçam planos sobre o caos à custa de disciplina e sobre elas nos amparamos para criar uma cartografia. A metodologia é a de extrair armas do caos que possam ser voltadas contra a opinião e produzir uma sensação que possa ser voltada contra qualquer clichê, destruindo-o, por algum tempo.<sup>73</sup>

Ao extrairmos as armas do caos, puxamos uma linha aqui e outra acolá, remanejamos os mapas, efetuamos novos agenciamentos através de alguma problemática dada em sua latitude e longitude. Numa cartografia, essa problemática pede um remanejamento entre estratos e variabilidades caóticas. Nesse remanejamento está a importância do caos para a criação de uma cartografia, através desse movimento a criação que sucede as caóticas pode ser selecionada para a produção de um plano composto pela imbricação de três outros planos aos quais não há nenhuma hierarquia, mas diferença de natureza. Esses três planos disciplinadores do caos ultrapassam a opinião e tratam de ideias

---

<sup>73</sup> QPh?, 1992, p. 259-63

vitais, são eles: o plano de imanência nas filosofias, o plano de referência nas ciências e o plano de composição nas artes. Nestes planos, a cada disciplinador do caos chamaremos caóide. No plano de imanência das filosofias, as caóides se dão com as variações conceituais. No plano de referência das ciências, as caóides ocorrem com as funções variáveis (se... então, se... então, etc.). No plano de composição das artes as caóides são as variedades dos blocos de sensações, ou seja, novas formas de perceber e sentir, os perceptos e afectos<sup>74</sup>.

Quando algo se faz problema numa cartografia, a co-presença intensiva de longitudes e latitudes das caóides dispara o plano de consistência a ser traçado. Com a imantação causada pelo problema as variações conceituais, as funções variáveis e os blocos de sensações envolvem linhas que remanejam os problemas em novos agenciamentos, para os quais cada um dos principais planos disciplinadores do caos atua de maneira distinta<sup>75</sup>. O plano de referência (ou de coordenação ou de organização) nas ciências é o que mais se protege do caos, ele envolve o caos e dá referência ao que surgiu através das coordenadas de espaço-tempo, como só referencia, dispensa a consistência. O plano de imanência na filosofia quer preservar as velocidades infinitas do caos, dando-lhes consistência para que o conceito possa ocorrer. Ele é construído “apenas” sob as reivindicações do que é do pensamento “por direito”, solicita unicamente o movimento infinito ou o movimento do infinito, conjuga a imagem do pensamento, sobre a qual o próprio pensamento se dá do que ele significa, de como é feito seu uso e de como ele se orienta, distingue-se notadamente de fatos que acidentam o pensamento como opiniões históricas, perda de memória e estar

---

<sup>74</sup> MP, 1997, p.73-79 e QPh?, 1992, p. 266

<sup>75</sup> QPh?, 1992, p. 153, 259-279

louco<sup>76</sup>. O plano de composição nas artes é o que mais preserva a intimidade com o caos, pois a partir dele traz algo que persiste. A arte “é a única coisa no mundo que se conserva” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p.213). A obra de arte passa a existir com independência de seu criador, existe *em si*: “o ar guarda a agitação, o sopro e a luz que tinha, tal dia do ano passado, e não depende mais de quem o respirava aquela manhã”, (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 213).

A criação de uma cartografia se alimenta de novas percepções e sensações. Novas maneiras de sentir são as matérias vivas através das quais se agencia uma cartografia. A cartografia tem uma dimensão correlata à obra de arte: uma obra de arte não depende de seu espectador, este, se portar força suficiente, poderá apenas experimentá-la em um segundo momento. Isso que se conserva, essa coisa ou obra de arte é um bloco de sensações, ou seja, um composto de perceptos e afectos.

Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 213).

Exemplos de afectos são os acordes consoantes ou dissoantes, sejam de tons ou de cores, na música ou na pintura. Ao se compor uma música, pintar, escrever, esculpir, o fazemos com sensações e inscrevemos sensações. As sensações como perceptos não remetem a um objeto, se possuem alguma semelhança a algo, essa semelhança é produzida por seus próprios meios. Esses blocos de sensações excedem qualquer vivido, valem por si mesmos, devem, portanto, ser compostos de tal modo que fiquem em pé sozinhos. O objetivo da arte é o de produzir um puro ser de sensações, os blocos de sensações, com os meios materiais arrancar o percepto do que é perceptível do objeto e arrancar o afecto das

---

<sup>76</sup> QPh?, 1992, p. 51-52, 53 e 55

afecções do sujeito percipiente. “Para isso, é preciso um método que varie com cada autor e que faça parte da obra... a pesquisa da sensação, como ser, inventa procedimentos diferentes” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 217).

Em um corpo a ser cartografado nos referenciamos como nas ciências e procuramos conceber o que se passa, a maneira como se agenciam as relações no território, todas as relações de imanência, porque para uma cartografia além das relações diretas com filosofia, ciências e artes, há uma dimensão da imanência correlata ao plano de imanência filosófico. Podemos dizer que qualquer corpo está em um plano de imanência então pré-filosófico, é afetado por algo que o povoa em toda sua latitude e longitude. Neste plano de imanência pré-filosófico, as longitudes e latitudes inclusive virtuais e atuais são consideradas. Quando uma expressão do plano de imanência pré-filosófico nos escapa, podemos trabalhar nela em um segundo momento, através da continuidade do traçado do plano de consistência.

Um risco pode ocorrer quando a imanência aparece como figura e a imagem de pensamento fica paralisada, é *atribuída “a”*, o pensamento é tomado como um fio que se estende entre um sujeito e um objeto. Numa cartografia, traçar uma reta entre sujeito e objeto é ainda uma má aproximação ao pensamento, pois investe nos estratos. Neste caso, vemos pretensões de cunho cientificista invadindo a cartografia. Precisamos da ciência para uma cartografia porque o seu plano traz referência, organização ou coordenação, mas não podemos esperar um plano de consistência vindo da ciência, pois ela atua de outra maneira, é a “sabedoria da linha dura”, pura referência espaço-temporal, inconsistente por natureza.

Diferentemente, o plano de imanência é um meio que se move em si mesmo e ainda um deserto, uma máquina abstrata que engendra os agenciamentos, um envoltório dos movimentos infinitos que em idas e vindas o envolvem em seu fluido percorrer e retornar, é variação pura, é um informe e sem superfície ou volume, é o absoluto ilimitado e sempre

fractal<sup>77</sup>. Para o trabalho nas variabilidades processuais do plano de imanência filosófico, podemos dispor de personagens conceituais, além dos conceitos.

Já as ciências têm por objetivo as funções que, nos sistemas discursivos, são apresentadas como proposições. As ciências abordam o caos renunciando à velocidade infinita dele, de tal maneira que a referência posta seja capaz de atualizar o virtual. Há uma espécie de parada da imagem, uma desaceleração fantástica na qual o pensamento científico torna-se capaz de penetrar por proposições. “É por desaceleração que a matéria se atualiza... Uma função é uma Desacelerada” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 154). A ciência tem um compromisso com o plano de imanência pré-filosófico, desacelera para que um corpo possa se atualizar.

Seguimos nessa concepção de cartografia, sempre a partir de Deleuze e Guattari (1992). No caos todas as velocidades passam, desacelerar é colocar nele um limite. Os proto-limites, limites primeiros que remetem a um segundo limite, situam-se fora de todas as coordenadas (elementos necessários para que se fixe a posição de um ponto sobre um plano ou espaço), e são eles que disparam as abcissas de velocidades através das quais os eixos coordenáveis poderão se erguer. São eles que arquitetam a desaceleração das caóticas em um limiar de suspensão do infinito, colocam-se como uma endo-referência e operam contagem, são de ordem numérica e sua validade só é dada no sistema de coordenadas pelo valor empírico que assumem como condição da desaceleração primordial. Esta desaceleração primordial “se estende com relação ao infinito sobre toda a escala das velocidades correspondentes, sobre suas acelerações ou desacelerações condicionadas” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 155-156). Quando *O método de dramatização* remaneja a questão da ideia de “o que é?”, para as coordenadas espaço-temporais e a vice-

---

<sup>77</sup> QPh? 1992, p. 121-122 e 153.

dicção, não fixa um posicionamento, mas delinea pro-to-limites, que em agenciamento serão referencias para uma cartografia. Ou arranjado de outra maneira, parte da ideia através de conjuntos de relações diferenciais, com seus elementos ideais e também das distribuições de singularidades correspondentes e seus acontecimentos ideais.

Qualquer limite é ilusório, por isso falamos em referências. Toda determinação é negação se não estiver em relação imediata com o indeterminado. **O limite é que torna possível uma coisa então limitada** e não a coisa limitada que impõe um limite ao infinito. Cada limite gera sistemas de coordenadas heterogêneas irredutíveis, com limiares de descontinuidade de acordo com a proximidade ou distanciamento da variável, por isso há que se duvidar do unitarismo nas ciências. A ciência não se impregna pela sua própria unidade, mas pelo plano de referência que se constitui através de todos os limites e bordas com os quais enfrenta o caos. Estas bordas dão ao plano suas referências e aos sistemas de coordenadas o povoamento do próprio plano de referência. A ciência apreende o caos em um sistema de coordenadas, fabrica um caos aludido que se torna “Natureza (*physis*)” e com ele produz uma função aleatória e variáveis caóides.<sup>78</sup>

O plano de coordenação (ou referência, ou organização), traz variáveis numéricas, contáveis. Quando tomamos um plano cartesiano no qual há um eixo de ordenadas  $y$  e um eixo de abcissas  $x$ , o limite é posto quando aparece a função. Quando é dito “se e somente se” em ciências naturais como o cálculo, por exemplo, há uma marca expressiva do corte de fluxo, mostra uma espécie de limite à latitude daquele corpo em relação a outro, isola as variáveis, define quais longitudes estão em coordenação e define sua latitude unicamente *pele se e somente se isso, então aquilo*.

Quando o limite gera, pela desaceleração, uma abcissa das velocidades, as

---

<sup>78</sup> QPh?, 1992 p. 155 e ID, 1967.

formas virtuais do caos tendem a se atualizar segundo uma ordenada. E certamente o plano de referência opera já uma pré-seleção que emparelha as formas aos limites, ou mesmo às regiões de abscissas consideradas. Mas as formas não deixam de constituir variáveis independentes daquelas que se deslocam na abscissa. (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 157).

Com Deleuze e Guattari (1992), podemos conceber que na ciência as variáveis se dão por funções “se... então... se... então...”, referenciam e propiciam que a matéria se atualize por desaceleração. Nas atualizações, uma luta contra o caos parece pertencer essencialmente à ciência quando ela absorve uma variabilidade sobre constantes ou limites, reconduzindo-os aos centros de equilíbrio e submetendo as variabilidades a uma seleção que retém apenas um número pequenino de variáveis independentes nos eixos de coordenadas. Porém a atualização de matérias não se dá apenas por ordem numérica e mesmo uma equação numérica precisa ser iniciada pelos seus graus mais altos de potência para chegar em sua resolução (atualização). Neste real que é a imanência composta de agenciamentos coletivos de enunciação e agenciamentos maquínicos, há variabilidades de graus de potência. Um campo intensivo que chega a atualizar as mais diversas matérias se dá pelos mais altos graus de potência, que são numericamente incontáveis.

Há um sonho científico obstinado, o de captar todo um pedaço de caos, com a agitação das mais diversas forças presentes nele<sup>79</sup>. A ciência poderia ao invés de ir do elementar ao composto ou o inverso, conceber uma série de coordenadas ou espaços de fases como uma sucessão de critérios, nos quais a fase precedente seria relativa a um estado caótico – mais mergulhado no caos – e a seguinte a um estado caótico – disciplinarizado a partir do caos -, de tal maneira que os limiares caóticos pudessem ser incorporados. Por aí se localiza uma aspiração racional da ciência, em direção a um pedacinho de caos que

---

<sup>79</sup> QPh? 1992, p. 263-264.

pudesse vir a ser explorado<sup>80</sup>.

Porém, por sua natureza organizativa a ciência não tem condições de sozinha explorar um pedaço de caos, ela precisa das outras disciplinas. O que por muito tempo acreditou-se ser terreno da ciência distingue-se dela, é a imanência. No real virtual e atual, na imanência, nas latitudes e longitudes, a ciência atua junto de outras disciplinas: filosofias e artes, que são atravessadas tanto pelo caos como por estratos. Há uma irreducibilidade de cada um dos três planos, cada um deles atua a seu modo e faz intersecção com os outros dois em uma cartografia.

Vejamos, por exemplo, como opera a análise do desejo em um agenciamento de enunciação que atravessa o agenciamento maquínico do conhecimento. Quando a linha de segmentaridade dura das ciências nos diz “isso não é científico”, há uma preocupação de que o plano de coordenação e a imanência do campo social não sejam perdidos, e de que as forças das sensações não sejam atreladas aos entes transcendentais fantásticos como cavalos alados e dragões de fogo. Há uma linha de segmentaridade maleável quando dado um problema, se tenta assegurar que as relações captem suas causas nelas mesmas e prossigam seu fluxo, processo sempre entrecortado. E a linha de fuga opera quando as problemáticas vitais, que atravessam um problema no campo social e/ou de conhecimento, podem ser respondidas maquinando um novo agenciamento em que se compõe na imanência com todos os elementos necessários, junto a um plano de consistência que impulsiona mundos por vir, ou seja, quando há uma desterritorialização absoluta das maneiras de conhecer.

### **3.2 – Criação de um cérebro sujeito**

Quando você em hecceidade se agrega a um dado território, soma dimensões à

---

<sup>80</sup> QPh? 1992, p. 264

latitude e longitude dele, um novo corpo se forma. Participando das dimensões somadas, você participa dos agenciamentos de enunciação e dos agenciamentos maquínicos do território<sup>81</sup>. No território haverá caos e estratos de fora do plano de consistência, para remanejá-los ao plano de consistência, você precisará do cérebro como meio. O cérebro encontra as condições de agenciar o plano de composição, o plano de imanência e o plano de referência, os três planos que mesclam as caóides em uma composição que guarda as referências científicas, preserva o infinito em suas concepções e se faz em correlação com a arte. “*A junção (não a unidade) dos três planos é o cérebro*” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 267).

Mas de qual cérebro falamos? Com Deleuze e Guattari (1992, p. 269-286) encontramos um cérebro que não é um objeto, nem um fim, mas um plano, um “sobrevôo do campo inteiro”. Um cérebro é muito mais que conjuntos de neurônios objetivados, quando o cérebro é entendido unicamente como objeto formado pelas leis da ciência, não é de se espantar que só possa ser um órgão de formação e comunicação de opiniões. Como as variabilidades são sempre desaceleradas em termos de funções, as conexões graduais e as integrações ainda “inerciam-se” em recognições (isto é “x”, aquilo é tal coisa...), de tal maneira que a biologia cerebral alia-se aqui, unicamente com postulados da mais obstinada lógica, fazendo reinar a opinião. Opiniões são formas que congelam os sentidos porque já levam em consideração os meios, interesses, crenças e obstáculos. As opiniões são organismos, são as próprias expressões dos estratos. Com a estratificação no opiniático não encontramos meios de qualificar a filosofia, a arte e mesmo a ciência como produções desse plano chamado cérebro.

Para uma cartografia, o cérebro dispõe de três fantásticas maneiras de pensar: por

---

<sup>81</sup> (MP, 1980) noções torcidas de hecceidade, agenciamento e território.

perceptos e afectos, por conceitos e por referências. Em graus variados, quando se capta o que se passa no corpo cartografado o pensamento passa pelos estratos, mergulha no caos e deles traz uma variabilidade de linhas, das quais as que permanecem para uma cartografia são as que tratam de ideias vitais, de perceptos e afectos, de conceitos e de referências. Se as ideias vitais da filosofia, das ciências e das artes possuísem um lugar

...seria no mais profundo das fendas sinápticas, nos hiatos, nos intervalos e entre-tempos de um cérebro inobjetivável, onde penetrar, para procurá-los, seria criar. Seria um pouco como no ajuste de uma tela de televisão, cujas intensidades fariam surgir o que escapa do poder de definição objetivo. (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 268-269).

O pensamento, inclusive sob a forma que toma na ciência, não depende apenas das integrações e conexões do organismo e certamente se dá em outra parte, nela é o cérebro que pensa e não o homem, o cérebro se torna sujeito e o homem é apenas uma cristalização do cérebro. Filosofia, arte e ciência<sup>82</sup> não são apenas objetos mentais de um cérebro objetivado, mas os três aspectos sobre os quais o cérebro ascende ao estatuto de sujeito. O cérebro não se define mais unicamente à maneira científica. Um conceito não é reduzível a um único cérebro e cada cérebro tem um “domínio de sobrevôo” com passagens irreduzíveis de um conceito a outro, até que por co-presença ou equipotencialidade de determinações se atualize um novo conceito. O cérebro aparece como faculdade de criação dos conceitos ao mesmo tempo em que estende o plano de imanência sobre o qual os conceitos se arranjam, rearranjam, mudam as ordens de suas relações e não param de criar-se. Aqui “o cérebro é o *espírito* mesmo” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 270).

É no cérebro que uma cartografia pode acontecer. Você penetra nas fendas do cérebro para procurar entre-tempos, remaneja as matérias de arte, ciência e filosofia, se coloca à espreita de alguma ideia vital e dos três agentes das ideias vitais (artista, cientista e

---

<sup>82</sup> QPh?, 1992, p. 269

filósofo) dessubjetivados em você. E segue: virtualiza e atualiza matérias. Uma referência é em cada caso trabalhar as três linhas (de fuga, molecular e dura) e as perguntas circunstanciais (Quem? Onde? Quando? Como? Quanto?) e/ou, se essas perguntas circunstanciais não se aplicarem levar em consideração as relações diferenciais e a distribuição de singularidades correspondentes, agenciadas aos três personagens (artista, cientista e filósofo) que atuam como conectores de zonas:

1) o artista cria os blocos de perceptos e afectos e sua maior dificuldade está em fazê-lo de tal modo que obra torne-se independente de criador. Os blocos de sensação uma composição entre saturação e vazio. “Toda sensação se compõe com o vazio, compondo-se consigo, tudo se mantém sobre a terra e no ar, e conserva o vazio, se conserva no vazio conservando-se a si mesmo” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 12).

2) o cientista traça coordenadas finitas sobre um plano de referência, elimina variáveis que poderiam interferir e retém do caos variáveis tornadas independentes por desaceleração, em relações determináveis por funções<sup>83</sup>.

3) a partir de variações infinitas e permanentes, o filósofo traça um plano de imanência com linhas que sempre cortam e precipitam outros planos e reencadeia as ideias no conceito por zonas de indistinção, ele trabalha com três elementos que respondem um ao outro: a imanência como o plano pré-filosófico que deve traçar; os personagens conceituais “pré-filosóficos” que deve dar vida insistentemente; e os conceitos filosóficos que, a partir da consistência, deve criar. Traçar, insistir na invenção e criar essa é a trindade do trabalho filosófico<sup>84</sup>.

Numa cartografia você acolhe as caóides ao disponibilizar linhas, traçadas a partir

---

<sup>83</sup> QPh?, 1992, p. 259

<sup>84</sup> QPh?, 1992, p. 59, 101

dos encontros que faz no território e guia-se pelas questões circunstanciais apontadas por cada agente das ideias vitais. Há certa dimensão da dramatização que objetiva que o próprio pensamento pense no cérebro sujeito. O drama do artista está em preencher o plano de composição guardando vazios o suficiente para fazer saltar algo, isso é da obra de arte. O drama do cientista consiste em conseguir produzir uma coisa pelo limite que coloca ao caos, ele fabrica algo que se torna um corpo, através do qual serão produzidas mais funções aleatórias e mais variedades caóides. O drama do filósofo é o de como adquirir consistência sem perder as velocidades infinitas do caos, no qual o pensamento mergulha. Em cada um dos dramas das ideias vitais você precisará encontrar os meios que os respondam, os personagens que os facilitem, os terrenos sobre os quais a cartografia poderá ser criada e deverá “buscar o canal” que um novo agenciamento encontra para desdobrar-se em criações mais preenchidas por Filosofias, Ciências e Artes, inclusive se e quando você for capaz de abandonar o território cartografado.

Como criar um plano de consistência que encontre meios de se refazer e que possa independer de você? Para isso precisamos do cérebro<sup>85</sup>. O cérebro se torna sujeito (superjecto<sup>86</sup>) quando o conceito se torna objeto enquanto criado e o acontecimento ou a criação acontece ao mesmo tempo em que a filosofia carrega os conceitos e traça o cérebro. Então os movimentos cerebrais põem para funcionar personagens conceituais. Quando o cérebro diz Eu, o Eu é um outro. Este Eu não é unicamente o “eu concebo” do cérebro como filosofia, mas também o “eu sinto” do cérebro como obra de arte. Tanto é cérebro sensação quanto é cérebro conceito.

Quando as conexões nervosas de excitação-reação e as integrações cerebrais de

---

<sup>85</sup> QPh?, 1992, p. 268-273.

<sup>86</sup> Termo emprestado de Whitehead.

percepção-ação são consideradas, não nos perguntamos se a sensação aparece em qual momento ou nível do caminho, ela é suposta, mantendo-se na retaguarda, não é um contrário do sobrevôo do campo inteiro, mas um correlato. A sensação é a própria excitação enquanto se conserva ou conserva suas vibrações, ela contrai as vibrações do excitante em cima de um volume cerebral ou superfície nervosa. A sensação que vem antes ainda não desapareceu quando a sensação que vem depois chega, ela responde ao caos, vibra e conserva-se porque contrai e conserva vibrações, ressoa porque faz ressoar os seus harmônicos. A vibração contraída, tornada qualidade é a variedade. “É por isso que o cérebro-sujeito aqui é dito *alma* ou *força*, já que só a alma conserva, contraindo o que a matéria dissipa, ou irradia, faz avançar, refracta ou converte” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 271).

Quando nos limitarmos às reações e excitações enquanto prolongamentos, às ações e reações enquanto reflexos, não encontramos as sensações que os disparam. Então a alma (ou força) nada faz ou age é apenas presente. A vibração contraída não é uma ação, mas paixão pura que conserva o precedente no seguinte<sup>87</sup>. A vibração contraída é o bloco de sensações. Cada bloco de sensações expressa a necessidade da arte, que é a responsável pelas novas maneiras de sentir e perceber, sem as quais não encontramos os meios de mudar os conceitos e as referências.

A sensação se dá sobre um plano que difere daquele dos mecanicismos, dinamismos e finalidades. O plano da sensação é um plano de composição, nele a sensação é formada contraindo o que a compõe e compondo-se também com outras sensações que ela mesma contrai variedades irreduzíveis em sua força de sentir, de contrair e conservar. Essa contração é dada pela contemplação que contempla a si mesma conforme contempla

---

<sup>87</sup> QPh?, 1992, p. 269-271

os elementos dos quais descende. A sensação “é um sujeito, ou antes um *injecto*”(DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 272). A sensação, contemplação pura que preenche o plano de composição preenchendo-se de si, é um primeiro aspecto do cérebro-sujeito. Às vezes uma intensa fadiga impede que sejam contraídas as vibrações dos elementos, então a conservação, contemplação e contração com as quais se criam novas sensações fica prejudicada<sup>88</sup>.

Não é pelos conceitos que as ideias são contempladas<sup>89</sup>, mas por sensação os elementos da matéria. A força de sentir se dá pelo que contrai e conserva dos elementos da matéria em variedades irreduzíveis. Essas variedades irreduzíveis contempladas se contraem e se conservam em uma “imaginação” compositiva, que faz delas variações necessariamente ligadas aos movimentos que as engendram. Tal imaginação compositiva se fortifica até o lançar de um acontecimento que sobrevoe todo o estado de coisas e todo o vivido. Quando há esse sobrevôo temos um platô. Deleuze e Guattari (1995, p. 32) ao tratarem da palavra “platô” se aliam com Gregory Bateson para exprimir algo muito especial, uma estranha estabilização intensiva, na qual uma região contínua de intensidades vibra sobre ela mesma e se desenvolve evitando qualquer orientação sobre algum ponto culminante ou finalidade exterior. Em um platô as expressões e ações são consideradas segundo seu próprio valor. Cada microinfiltração ínfima tem seu lugar em toda sua processualidade<sup>90</sup>.

As sensações criadoras interiores e as contemplações silenciosas agem no plano de imanência - seja em seu aspecto de plano filosófico ou de campo social - e dão suporte à criação conceitual. A sensação, em sua dupla dimensão acontecimental, tanto depura em

---

<sup>88</sup> QPh?, 1992, p. 272, 274

<sup>89</sup> DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 47, 272-274

<sup>90</sup> “Um tipo de platô contínuo de intensidade substitui o orgasmo” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 32).

conceitos o acontecimento, quanto convoca pela criação conceitual aos acontecimentos. A criação conceitual enquanto “*superjecto*”, um segundo aspecto do cérebro-sujeito, está no suportar as velocidades infinitas, contemplando-as, contraindo-as e assegurar a co-presença do conceito a todos seus componentes intensivos ao mesmo tempo (consistência). Quando cansado o pensamento não consegue mais permanecer sobre o plano de imanência e fica incapaz de suportar as velocidades infinitas. Há o risco da queda no caos mental, que apenas reúne os elementos sem compô-los, ou há ainda o perigo da recaída em opiniões prontas e acabadas, que impedem o contemplar.

Há ainda um terceiro aspecto do cérebro-sujeito<sup>91</sup>, não menos criador que os outros dois. Não é uma forma, nem uma força, mas um funcionamento, uma função. Este terceiro aspecto é o conhecimento que se apresenta como “*ejecto*”, pois extrai dos elementos distintos o discernimento e o faz funcionar. Quando há uma proposição científica, ela arranca meios de discernir dos elementos distintos. Ela é formada por functivos ou prospectos (limites, variáveis, constantes, funções), termos distintos através dos quais ela dá o discernimento através de observadores parciais. O discernimento é o termo próprio da proposição científica. É através dele que se distingue variáveis e constantes e ainda termos que tendem para limites traçados um sucessivamente ao outro.

Na proposição científica há limites demarcatórios de uma renúncia às velocidades infinitas, com traçar do plano de referência. Através dos limites demarcatórios traçados no plano de referência, são determinadas as variáveis organizadas em série e que tendem aos limites. E também são coordenadas as variáveis independentes, de modo a estabelecer entre elas (ou seus limites), as relações necessárias das quais as funções distintivas dependem; ou seja, em uma mesma operação científica são estabelecidas as relações necessárias de fatores

---

<sup>91</sup> QPh?, 1992, p. 47, 274-276

que permanecem independentes.

O plano de referência é uma coordenação em ato. Mais que funções do cérebro, as funções científicas são dobras de um cérebro, que faz o traçado das coordenadas variáveis em um plano de referência e a toda parte envia observadores parciais. Há também operações de bifurcação e individuação que mostram uma persistência no caos e os desvios da superfície variável sempre reposta em jogo no plano de referência ou coordenação. Se os estados de coisas são submissos às operações científicas é porque não se separam de potenciais que confiscam do caos e não se atualizam sem o risco de serem destruídos ou submersos ao caos.

Um dos efeitos dos mergulhos do cérebro no caos pode ser a eclosão do cérebro enquanto sujeito de conhecimento. Cabe a ciência por em evidência o caos, pois as facilitações geradoras de opinião indubitavelmente escondem o caos, já que estão circunscritas aos modelos de reconhecimento. Haverá uma maior sensibilização ao caos quando se considera os processos criadores que as bifurcações implicam, assim também as individuações, quando não tomam por variáveis as próprias células, mas apelam para um potencial atualizável nas ligações determináveis que se seguem das percepções e ainda mais do livre efeito variável segundo a criação dos conceitos, das sensações ou de funções.

Para uma cartografia há um sobrevôo do território que articula os três aspectos do cérebro-sujeito. A maneira como tais aspectos serão agenciados terá sua variabilidade em conformidade com o plano, que será destacado em relação às problemáticas de produção de sentir, conceber e conhecer em questão. Ao tratar de uma problemática, o cérebro-sujeito encontrará um análogo seu em cada plano. Os perceptos e afectos conservam, contemplam e contraem, preenchendo o plano de composição com o puro contemplar, com os blocos de sensação que fazem o início do cérebro. Uma sensação só encontra passagem com a

contemplação pura que preenche o plano de composição preenchendo-se de si. Sem a contemplação não se contrai o que se passa sobre o corpo que se cartografa, uma cartografia necessita da abertura para as sensações. Com a contemplação, as mais variadas espécies de elementos materiais irreduzíveis (sejam eles concretos ou abstratos) podem ser contraídas, conservadas e virtualizadas. Esse virtual contraído por contemplação é conservado e compõe as virtualidades contraídas, até que seu processo de intensificação seja preenchido por sensações criadoras e contemplações silenciosas e disponibilize um transbordamento intensivo que dê suporte à criação conceitual, se for o caso, o que auxilia criar uma cartografia.

Por virtualizações se contrai os elementos do campo social e os lança ao plano de imanência da criação conceitual filosófica, atualizando-os em conceitos. Quando desterritorializados, os conceitos disponibilizam linhas para o acontecimento. Quando todos os componentes intensivos de um conceito são assegurados em simultaneidade, a consistência é atingida. Após uma sensibilização caótica e caóide, a consistência traz uma coordenação em ato e seus elementos distintivos então atualizados, fabricam o discernimento<sup>92</sup>.

Para o discernimento em uma cartografia convocamos “o você” em hecceidade que entra no território e nas composições de corpos daí advindas. No plano de imanência pré-filosófico você se afecta, com a multiplicidade substantiva das relações do território. Você contempla contrai caos, caóides e os acontecimentos atuais e virtuais, que se alastram pelo território. Então você pode criar conceitos territoriais, passando estes conceitos ao plano de imanência filosófico. Outra referência é que você use dos conhecimentos científicos,

---

<sup>92</sup> Fazemos tais afirmações com base em *Como criar para si um corpo sem órgãos?*, segunda nota de rodapé de *O método de dramatização*, e *O que é Filosofia?*

inserindo-os de acordo com o plano de consistência e não unicamente por plano de coordenação. Para extrair o máximo de potência da cartografia, a cada acontecimento a consistência do plano é experimentada com a presença de todos os elementos intensivos ao mesmo tempo. O plano quebra? Se sim, onde? Quais fluxos desejantes estão barrados? Estes tem uma forma? A produção virtual local tem força para revirar as barragens dos fluxos? O agenciamento cartográfico tem consistência suficiente para revirar uma situação, lançando o agenciamento anterior em um novo? Quais linhas apresentam maiores perigos para este ou aquele grupúsculo? Este grupo tende ao caos, ao suicídio e a demência? Este grupo tende a permanecer rigidamente estratificado? Como as linhas se compõem? Em quais estratos – subjetivação, significância e organismo - o grupúsculo mais está colado?

Certamente podemos utilizar muitas das questões circunstanciais transversalizadas por cada uma das perguntas acima, dentre outras. E em cada uma delas elas e/ou as que desejarmos então conceber, precisaremos encontrar meios para fazer a seleção entre o que produz menos vida o que há de mais potente para criar novas maneiras de sentir, de pensar e de conceber. Assim, aumentaremos a velocidade dos fluxos em nome de uma desterritorialização absoluta ou atrasaremos alguns fluxos em nome da consistência. Caso a caso trabalharemos nos fluxos e cortes de fluxos em combate às composições funestas, para que o vital encontre passagem.

### **3.3 – A intrincidade do não-disciplinar para uma cartografia**

Numa cartografia há que se trabalhar nos desdobramentos das relações de cada uma das disciplinas referentes, com o seu não disciplinar. Por exemplo, na relação da filosofia com a não-filosofia, reside um perigo da perda do movimento infinito da imagem de

pensamento<sup>93</sup>. Depois de um longo e intensivo período de ruptura com o sistema do juízo em favor da imanência, Deleuze e Guattari tiveram a necessidade vital de acompanhar e elaborar um mal-estar na filosofia, remanejando suas questões, ao tratar a diferença radical da filosofia em relação à sombra de duas vizinhas não-filosóficas, ou seja, ciência e religião. Enquanto presa a conceitos de pretensões universais que procediam por organização e referência, nos moldes da ciência e enquanto presa à “sabedoria de linha dura”, às imagens dogmáticas de pensamento feito a religião, a filosofia distanciou-se da sua mais potente questão, ou seja, de qualquer questão conceitual sempre coextensiva à imanência e que não é imanente “a”.

Por uma filosofia da imanência houve um trabalho deleuze-guattariano na criação primeira de uma plano de consistência, primeiro as circunstâncias, paisagens, personagens, condições e incógnitas, primeiro uma espreita, uma ocasião, para depois como uma confiança entre amigos, naquela hora em que se desconfia até do amigo, colocar a questão filosófica por excelência, aquela que traz vida inorgânica à filosofia: “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p.10). Essa concepção de filosofia não pretende de maneira alguma ao estatuto de ciência, nela não se reconhece nem ideologia nem cientificidade, mas sempre agenciamentos maquínicos de desejo e agenciamentos coletivos de enunciação<sup>94</sup>. Os conceitos são sempre multiplicidades substantivas “... os conceitos são linhas, quer dizer, sistemas de números ligados a esta ou àquela dimensão das multiplicidades (estratos, cadeias moleculares, linhas de fuga ou de ruptura, círculos de convergência, etc)” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 34). Os conceitos são sempre coextensivos às questões de um dado agenciamento.

---

<sup>93</sup> QPh?, 1992, p. 113

<sup>94</sup> QPh?, 1995, p. 34

Embora haja distinções, os conceitos filosóficos são necessariamente correlativos ao plano de imanência pré-filosófico, não-filosófico. Essa fábrica de conceitos que a filosofia traz é imanente, é um dos componentes de uma cartografia. Um plano de imanência é o solo da filosofia, sua terra e sua desterritorialização, é sobre ele que a filosofia se instaura e cria seus conceitos. Os conceitos são a elasticidade, a fluidez que se move no plano de imanência, são os que ocupam ou povoam um deserto, agenciamentos concretos que configuram uma máquina abstrata, velocidades infinitas de movimentos finitos a percorrer a cada vez seus próprios componentes, vagas múltiplas a se levantar ou se abaixar, superfícies ou volumes absolutos, totalidades fragmentárias inajustáveis com bordas que não coincidem e permanecem sempre abertas, os conceitos nascem de dados atuais e virtuais e ressoam no plano de consistência. Ou ressoam com maior precisão, no plano de imanência dos conceitos, o planômero<sup>95</sup>.

Há uma irreduzibilidade tanto dos planos quanto de seus elementos. Nas artes as sensações e figuras estéticas. Nas filosofias o plano de imanência e seus conceitos e personagens conceituais. Nas ciências o plano de referência ou coordenação e suas funções e observadores parciais. Para cada plano, os problemas que se colocam são análogos: que multiplicidade abarca cada plano como e em qual sentido?<sup>96</sup> Nesta irreduzibilidade dos planos e de seus elementos é que os complexos e refinados modos de perceber e sentir necessários para uma cartografia alçam sobrevoos: como o problema em questão faz sua trajetória, transversalizando-se em cada um dos planos? Como em uma linha de segmentaridade dura a força da sensação, a forma do conceito e a função de conhecimento se enlaçam ou não? Como em uma linha de segmentaridade molar as variedades dos

---

<sup>95</sup> QPh?, 1992, p. 51, 52, 58 e 259

<sup>96</sup> QPh?, 1992, p. 277

perceptos e afectos nos blocos de sensação, as variações conceituais e os functivos e prospectos se interferem? Como os elementos dos planos se agenciam em cada caso? Uma indiscernibilidade dos planos se faz ou não?

Cada disciplinador do caos deve proceder inicialmente por seus próprios meios, mas ao se utilizar de seus próprios elementos, certamente haverá também, por força da trajetória do problema, interferências extrínsecas a cada plano. Além de ser próprio à arte nos despertar, nos ensinar a sentir, de ser próprio de a filosofia nos ensinar a conceber e de ser próprio à ciência nos ensinar a conhecer, cada uma das disciplinas precisa por sua conta, colocar-se em uma “relação essencial com o Não que a ela concerne” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 279), em uma “imperceptível ruptura em vez do corte significativo” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 36).

A filosofia encontra-se onde o plano de imanência enfrenta o caos. Precisa de uma não-filosofia que seja pré-filosófica, independentemente dos conceitos com que vem ocupar seu plano. A arte encontra-se onde o plano de composição enfrenta o caos. Precisa de uma não-arte que seja pré-artística, independentemente dos blocos de sensação que vem ocupar seu plano. E a ciência encontra-se onde o plano de organização enfrenta o caos e também precisa de uma não-ciência que seja pré-científica, independentemente das funções com que vem ocupar seu plano. Quando os três planos não se distinguem mais pela relação com o plano cerebral correlato, também não se distinguem mais pela relação na qual o cérebro-sujeito mergulha. Esse não de cada um dos disciplinadores do caos, não se faz necessário como começo, nem como um fim que chamaria cada disciplina a realizar e então desaparecer, mas se dá em processo, em cada instante do seu desenvolvimento, involução ou devir, conforme cada problema o pede. Quando os conceitos, sensações e funções se tornam indecidíveis em correlação com o indiscernível das filosofias, das artes e das

ciências, que então compartilham do mesmo caos, é que se pode extrair da imanência, em sua dimensão sempre processual, uma sombra do “povo por vir” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 279). E o que move um povo é sua produção desejanante que fervilha entre atualizações, virtualizações, estados de coisas e campos intensivos.

## **Conclusão**

No decorrer desta dissertação, notamos que o levantamento da questão da ideia através de coordenadas espaço-temporais inclusivas do acidental funciona para que uma ideia possa passear pelos acontecimentos e retornar às suas questões, em um funcionamento de deriva produtivo, próprio à exterioridade do processo esquizo. Vimos que as características da ideia ocorrem com elementos ideais destituídos de forma e função, em determinação recíproca. E, com acontecimentos ideais dados a partir de relações diferenciais, que lançam singularidades correspondentes. Entre os elementos ideais e os acontecimentos ideias há uma resolução que se dá por atualização de diferença problemática.

Quando essa atualização de diferença problemática ocorre é porque há um campo intensivo agindo e com os devires que lhe são próprios. Os devires são importantes disparadores intensivos que, por suas trajetórias, podem levar a uma outra configuração dos processos desejanantes. As individuações por hecceidades são as mais afinadas com as trajetórias dos devires. Por elas se coloca um território para transbordar.

O território de uma cartografia é preenchido por latitudes e longitudes, com um agenciamento das linhas que implique em uma maior consistência para cada caso, o plano de consistência pode ir sendo ocupado. É pela ocupação do plano de consistência que um espaço cartográfico se cria. É a este plano que os estratos precisam ser reenviados. O plano

de consistência é um meio pelo qual as imprevisibilidades do caos e as previsibilidades dos estratos podem se compor. Com manejos e desvios dos lineamentos, a sobreposição de mapas e seus remanejamentos podem se agenciar no plano de consistência.

Uma cartografia é sempre circunstancial e processual, ela traz uma maneira de conhecer que é ao mesmo tempo um dínamo de criação. Em uma cartografia, ao mesmo tempo em que um território é percorrido, inventam-se outros percursos que o transbordam. Conforme seus problemas, um caso conclama disciplinas. Deleuze e Guattari elegem Artes, Filosofias e Ciências como as disciplinas vitais, por estas disponibilizaram novas formas de sentir, conceber e conhecer. E da intersecção dos planos de composição, imanência e referência uma cartografia pode brotar.

Ademais, quando nos disponibilizamos ao trabalho com uma ideia de cartografia, o fizemos com a preocupação de criar um agenciamento de enunciação que pudesse ser desdobrado em outros agenciamentos maquínicos e de enunciações. Quando, a partir de Deleuze e Guattari em QPh? elegemos Artes, Filosofias e Ciências como as disciplinas de uma cartografia o fizemos por estas tratarem de questões vitais, que servem de referências no enfrentamento do caos, colocado então à serviço de novas maneiras de sentir, pensar e conceber. Tais disciplinas juntas funcionam de uma maneira suportiva às criações, pois permitem uma recondução ao plano de consistência depois do mergulho no caos. Das artes extraímos os blocos de sensação, das filosofias os conceitos e das ciências as funções.

Notamos que os três principais estratos - de subjetivação, de significância e o organismo -, fazem funcionar maneiras de conhecer distintas. Quando as maneiras de conhecer tomam por princípio o funcionamento científico então acionado por funções variáveis, não é de se estranhar que o conhecimento seja entendido como algo exato, que procede por sujeitos, objetos e relações causais. Porém, quando nos deparamos com as

chamadas Ciências Humanas e suas imprevisibilidades, vemos que uma parcela significativa da ambição de controle entre causa e efeito, nos escapa. Em relação aos que chamamos de humanos, como poderíamos encontrar unicamente funções variáveis? Se... então, se... então, se... então; dizem algo de vital, **se e somente se** o corpo for entendido como um conjunto de órgãos. Conjunto este, que de certa maneira, funciona como um estrato necessário à vida do corpo.

Mas o corpo dos humanos, que aqui trouxemos unicamente como um exemplo, ultrapassa em muito um conjunto aleatório e variável qualquer de órgãos que funcionam estritamente segundo funções. Até mesmo quando as funções se tornam precisas e necessárias, segundo regras regulares, não bastam para dizer da máquina de um corpo humano, pois só o dizem enquanto estrato. É que o corpo dos humanos também ultrapassa um organismo. Functivos e prospectos são insuficientes para determinar como funciona um humano, pois um humano não é determinável unicamente por funções. A dimensão contável e de ordem numérica do humano, só diz de seus agenciamentos máqunicos restritos aos estratos, diz de um território do corpo, considera mais as longitudes e o atual. Um corpo é muito mais que isso. O corpo ainda humano ultrapassa seu organismo.

Assim notamos que, se as funções variáveis do plano de referência ou coordenação tem algo a nos dizer em relação aos humanos, estas só o fazem no nível dos estratos. O plano de referência é insuficiente para explicar o que faz e o que diz um corpo. Entender um corpo humano unicamente por esta via, muito além de zelar pelo bom funcionamento de seus órgãos, o coloca em um lugar de contagem e medidas, cerceando-o e circunscrevendo-o a um espaço determinado, que o deixa facilmente à disposição da doutrina judicativa.

Todavia, mesmo a vida dos órgãos de um corpo humano, depende das sensações que

este experimenta. Mas isso é insuficiente para o nosso problema. Os blocos de sensação são variedades próprias à experiência artística. No seu plano, o plano de composição, a arte compõe perceptos e afectos. Perceptos e afectos não são de ordem numérica, seu plano é outro. É o plano que compõe matérias em variedades que tornam os blocos de sensação acessíveis. Um bloco de sensação tem vida própria, não precisa do corpo humano para existir. Um bloco de sensação extrapola em muito qualquer ordem numérica, é incontável e desmedido, ele catalisa as variedades do plano de composição e aciona o intensivo. Os blocos de sensação são as matérias através das quais decorrem quaisquer novas maneiras de sentir. E uma nova maneira de sentir afecta o que no corpo já deixou de ser organismo, ou menos, uma nova maneira de sentir pode eclodir quando o corpo já deixou de ser um organismo.

A rigor as humanidades só poderiam funcionar como ciência no nível dos estratos e neste caso mais especificamente no organismo, como vimos no Capítulo II. Fabricar blocos de sensação e conceitos não é da alçada científica, nem do plano de referência e/ou coordenação das ciências. Blocos de sensação e conceitos extrapolam o científico, pois ao contrário da ciência precisam de consistência. Para que haja um bloco de sensação, um plano de composição foi traçado e para a fabricação de um conceito houve um plano de imanência. Filosofias e artes precisam da consistência para existir e uma cartografia também.

Em uma cartografia os estratos são extrapolados. Os organismos científicos e as subjetivações humanas não bastam para produzir conhecimento. Não podemos partir unicamente de referenciais científicos, tampouco de passionalidades significantes ou significados interpretativos, a imanência pede mais, pede um processo que não se localiza unicamente nos estratos, embora passe por eles. Para não nos restringirmos aos estratos

utilizamos as linhas que transversalizam-se pelo território. Com elas tentamos captar também as virtualidades, os devires. Com os devires há um ultrapassar do humano. E encontramos uma maneira de dizer das processualidades envolvidas numa cartografia em diferentes regimes de tempo. Uma cartografia traz uma dimensão não numérica e intensiva para o conhecimento.

Quando nos referimos ao entendimento de uma cartografia como a intersecção entre Filosofias, Ciências e Artes, o fazemos, pois seu produto são conceituações, funções e maneiras de sentir que imprimem novos dinamismos à vida. Estas disciplinas atuam em uma ampliação do campo de experimentação desejante, que nos estratos tendia a ficar restrita. Nos estratos nos colocávamos a conhecer apenas as matérias mais atuais, nos agenciamentos de uma cartografia o próprio conhecer é ao mesmo tempo criar, ou dito de outra forma, a criação toma o lugar do conhecimento<sup>97</sup>. Uma cartografia conjuga os picos de desterritorialização de cada uma das caóides: variedades de blocos de sensações, funções variáveis e variações conceituais, inclusive em simultaneidade. E traz uma outra relação com os processos desejantes, que disparam um conhecer que é ao mesmo tempo criar.

---

<sup>97</sup> DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

## Referências Bibliográficas :

DELEUZE, G. O que dizem as crianças. In\_\_\_: *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34. (Coleção TRANS). 1997.

\_\_\_\_\_. O método de dramatização. In\_: *A Ilha deserta: e outros textos*. Org. Lapoujade, David. Trad. Orlandi, L. B. L. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 129-154. Do original de 1967.

\_\_\_\_\_. Pensamento nômade. In: ESCOBAR, C. H. (org). *Por que Nietzsche?*. Rio de Janeiro: Achiamé. 1985. p.9-29.

\_\_\_\_\_. Um novo cartógrafo (Vigiar e Punir). In\_\_\_: *Foucault*. Trad. Cláudia Sant' Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DELEUZE, G; PARNET, Claire; SCALA, André. L'interprétation des énoncés. In\_\_\_: *Deux Régimes de Fous*. Org. LAPOUJADE, David. Paris: Minuit. 2003

DELEUZE, G e GUATTARI, F. As máquinas desejanças. In\_\_\_: *O Anti-Édipo*. Trad. Joana Moraes Varela e Manuel Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim, 1968.

\_\_\_\_\_. 587 a.C. - 70 d.C. - Sobre alguns Regimes de Signos. In\_\_\_: *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão). Rio de Janeiro: Editora 34. (Coleção TRANS). 1995b. vol 2, p. 98-101.

\_\_\_\_\_. Capitalismo e esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Editora 34 (Coleção TRANS), vol 3, 1996.

\_\_\_\_\_. Conclusão: Regras Concretas e Máquinas Abstratas. In\_\_\_: *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto et al.. Rio de Janeiro: Editora 34. vol 5. (Coleção TRANS). 1997.

\_\_\_\_\_. Devir intenso, devir animal, devir imperceptível. In\_\_\_: *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34 (Coleção TRANS), v. 4 , 1997. p. 47-88.

\_\_\_\_\_. Introdução: *Rizoma*: In\_\_\_: *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34 (Coleção TRANS), vol 1, 1995.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, v. 3, p. 9-29 e 83-116

\_\_\_\_\_. O que é a Filosofia? Trad. Bento Prado Jr e Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34. (Coleção TRANS). 1992

FREUD, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In\_\_\_ : *O Pequeno Hans e o Homem dos Ratos*. Obras Completas. Trad. SALOMÃO, J. Vol X. Imago, 1909.

SAUVAGNARGUES, Anne. Gilbert Simondon. In\_: *Aux sources de la pensée de Gilles Deleuze 1*, Mons: Sils Maria, 2005, p. 193-198.

ZOURABICHVILLE, François. O Vocabulário de Deleuze. Trad. André Telles. Rio de Janeiro. (Digitalização eletrônica: Centro Interdisciplinar de Estudos em Novas Tecnologias e informação, ifch-unicamp). 2004

<http://oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>. O Abecedário de Gilles Deleuze. Acesso em 23 de maio de 2009 às 19:42.